



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FACED
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MARCOS VINICIUS SOUSA DE OLIVEIRA

**CRIANÇAS, PESCA ARTESANAL, TRABALHO E ESCOLA NO CONTEXTO DA
COMUNIDADE DA PONTINHA DO BACURITEUA DA AMAZÔNIA
BRAGANTINA**



BRAGANÇA-PA
2019

MARCOS VINICIUS SOUSA DE OLIVEIRA

**CRIANÇAS, PESCA ARTESANAL, TRABALHO E ESCOLA NO CONTEXTO DA
COMUNIDADE DA PONTINHA DO BACURITEUA DA AMAZÔNIA
BRAGANTINA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Campus Universitário de Bragança da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientador (a): Dr.^a **Ana Paula Vieira e Souza.**

MARCOS VINICIUS SOUSA DE OLIVEIRA

**CRIANÇAS, PESCA ARTESANAL, TRABALHO E ESCOLA NO CONTEXTO DA
COMUNIDADE DA PONTINHA DO BACURITEUA DA AMAZÔNIA
BRAGANTINA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Campus Universitário de Bragança da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

APROVADO EM: 14 /08/2019

CONCEITO: Excelente

BANCA EXAMINADORA

Professora Dr.^a ANA PAULA VIEIRA E SOUZA
Orientadora - Universidade Federal do Pará (UFPA)

Professor Dr. ROGÉRIO ANDRADE MACIEL
Examinador Interno - Universidade Federal do Pará (UFPA)

Professora Dr.^a JOANA D'ARC DE VASCONCELOS NEVES
Examinador Interno - Universidade Federal do Pará (UFPA)

A todas às crianças e suas singularidades nas
Infâncias da Amazônia Bragantina.

Aos meus pais José Raimundo de Oliveira e
Maria Dulcirene de Sousa Oliveira por todo
incentivo, afeto e apoio na minha formação
pessoal e acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus pela dádiva da vida, pela minha família e amigos. Sou grato à Deus por ser minha fortaleza nos momentos de aflição, tristeza e alegria, por ser minha luz no momento difícil, por me guiar pelos caminhos da vida levando-me a sabedoria e a paz de espírito.

Agradeço aos meus pais, **José Raimundo** e **Maria Dulcirene** por serem minha inspiração diária, pelo exemplo de vida e de caráter, pelas oportunidades que me permitiram chegar até aqui. Aos meus irmãos **Saulo Fabrício** e **Bruna de Jesus** por todo apoio e companheirismo no convívio familiar. Aos meus sobrinhos **Enzo** e **Kauã**, por me darem a grande alegria de ser tio. Agradeço todos os meus familiares que de forma direta e indireta contribuíram para que esse momento se realizasse.

Agradeço a minha querida e admirável orientadora Prof.^a Dr.^a **Ana Paula Vieira e Souza**, por todo o incentivo e dedicação para com a minha formação, pelas oportunidades e a confiança nesse convívio de dois anos enquanto bolsista de Iniciação Científica e pela paciência em me orientar. Sou grato pelos aprendizados diários, as conversas descompromissadas sobre a vida, os conselhos acadêmicos e pelo meu amadurecimento profissional e pessoal. Toda a minha gratidão, respeito e estima.

Agradeço aos meus professores da Escola E. E. F. M. Luiz Paulino Mártires, em especial a **Leila Nascimento**, **Wallace Monteiro**, **Adrian Trindade**, **Valdelice Canindé**, por colaborarem com a minha formação e por sempre incentivarem a busca pelo ensino superior.

Agradeço a todos os professores da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Pará Campus de Bragança, pelos conhecimentos partilhados e pelo comprometimento profissional em nos conduzir por esse caminho acadêmico cheio de desafios. Agradeço em especial a Prof.^a Dr.^a **Joana d'Arc Neves** por ter proporcionado-me a primeira oportunidade como bolsista, sou grato pelos ricos momentos que tivemos juntos, és um exemplo de humildade, amor, alegria e profissionalismo. Agradeço ao meu querido Prof. Dr. **Rogério Andrade**, pelo carinho, alegria, afeto, por ser uma pessoa de luz na minha vida e uma inspiração na minha caminhada acadêmica. Agradeço a Prof.^a Dr.^a **Maria Gorete**, pelo carinho e comprometimento com a minha formação, sou grato pelas conversas, orientações e pela confiança construída.

Agradeço as amigas de infância **Wellen Souza**, **Michele de Oliveira** e **Nágila Almeida**, por sempre estarem juntas comigo compartilhando sorrisos, conselhos e aventuras. O meu muito obrigado!

Agradeço aos meus amigos do grupo de trabalho Patotinha: **Fabricio Gama e Maila Fernanda** por todos os momentos de luta compartilhados na graduação, os sorrisos e as conversas que tivemos nas madrugadas de produção acadêmica, e em especial a minha grande amiga **Deidiane Guimarães**, por ser meu anjo da guarda, por estar comigo nos momentos mais difíceis dessa jornada, pela força que diariamente irradia. És uma guerreira a qual levarei para toda a minha vida. Agradeço minha amiga do Projeto PIBIC, **Franciele Magalhães** por estar comigo em todos os momentos da pesquisa, compartilhando e construindo conhecimentos sobre as infâncias bragantinas. És um exemplo para mim.

Agradeço às crianças da Comunidade da Pontinha do Bacuriteua, **Luana, Samuel, Adriele, Wellington, Jamerson, Marcos, João, Charles, Cauã, Frederico e Adson** interlocutores dessa pesquisa, por todos os momentos compartilhados, as brincadeiras, as conversas na beira do Rio Caeté, os sorrisos e os sonhos compartilhados. A vocês todo o meu carinho e gratidão.

Agradeço a minha turma **Pedagogia 2015**, pelos momentos vivenciados em sala de aula, pelas alegrias, os debates e as conquistas construídas em grupo nesses quatro anos de convivência.

Agradeço aos técnicos da UFPA Campus Bragança **Rubenilson Procópio** secretário da FAGED e **Maurício Dourado** administrador da UFPA, por serem profissionais comprometidos que contribuíram de modo significativo para a conclusão deste processo.

Agradeço ao Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Trabalho e Educação, Núcleo INFÂNCIAS, pelo espaço de formação pessoal e acadêmica.

Agradeço ao Programa de Bolsa da Iniciação Científica da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESP/UFPA) pelo apoio financeiro neste estudo.

A todos o meu muito obrigado!

A atividade produtiva é o trabalho, como criador de valores de uso, como trabalho útil é indispensável à existência do homem — quaisquer que sejam as formas de sociedade —, é necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio entre o homem e a natureza e, portanto, de manter a vida humana.

(KARL MARX, 2010, p. 64-65).

RESUMO

A pesquisa analisa nos discursos de crianças os sentidos e significados sobre a pesca artesanal, trabalho e escola em uma Comunidade pesqueira da Amazônia bragantina. O estudo é de abordagem qualitativa do tipo etnofotográfica. A pesquisa tem como *locus* de investigação a Comunidade Tradicional da Pontinha do Bacuriteua, localizada no entorno de manguezais da Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu (RESEX-MAR), situada no município de Bragança, Pará. O estudo utiliza como procedimentos de coleta de dados a observação participante, roda de conversa, painel do trabalho, atividade de leitura e escrita e registro fotográfico. A análise dos dados é sustentada na técnica de análise do discurso em Bakhtin, no uso da categoria polifonia. Participaram da pesquisa 11 (onze) crianças com idades entre 08 a 12 anos, matriculadas em escolas da rede municipal de Bragança. Os achados da pesquisa apontam para uma intensa produção das culturas infantis. Revela uma ampla interação das crianças com a pesca artesanal, trabalho e a escola na Comunidade. Enunciam saberes tradicionais articulados os saberes escolares, revelando a existência do trabalho como princípio educativo. A pesca artesanal apresentada no discurso das crianças é o lugar da alegria, do brincar e da formação da existência humana por meio do conteúdo e da forma, negando a condição aviltante do trabalho infantil. Os enunciados discursivos se alinham as experiências sociais de cada criança na interação com a Comunidade e no meio ambiente em que vivem. Concluimos que a singularidade das crianças concernente à pesca artesanal, permite perceber que o caráter formativo da pesca está na relação entre os saberes pesqueiros e conhecimentos escolares, afirmando a presença do trabalho como formador da vida social no contexto da Comunidade da Pontinha do Bacuriteua.

Palavras-chave: Criança. Pesca Artesanal. Trabalho. Escola. Saberes Tradicionais.

ABSTRACT

The research analyzes children's discourses the meanings and meanings about artisanal fishing, work and school in a fishing community of the Bragantina Amazon. The study is a qualitative approach of ethnographic type. The research has as research locus the Pontinha do Bacuriteua Traditional Community, located around the mangroves of the Caeté-Taperaçu Marine Extractive Reserve (RESEX-MAR), located in Bragança, Pará. data participant observation, conversation wheel, work panel, reading and writing activity and photographic record. Data analysis is supported by the discourse analysis technique in Bakhtin, using the category polyphony. Eleven children aged from 08 to 12 years old, enrolled in Bragança municipal schools, participated in the research. The research findings point to an intense production of children's cultures. It reveals a broad interaction of children with artisanal fishing, work and school in the community. They articulate traditional knowledge articulated school knowledge, revealing the existence of work as an educational principle. Artisanal fishing expressed in children's discourse is the place of joy, play and formation of human existence through content and form, denying the demeaning condition of child labor. The discursive statements align the social experiences of each child in the interaction with the community and environment in which they live. We conclude that the uniqueness of children concerning artisanal fishing allows us to realize that the formative character of fishing is in the relationship between fishing knowledge and school knowledge, affirming the presence of work as a formator of social life in the context of the Pontinha do Bacuriteua Community.

Key Words: Kid. Artisanal fishing. Job. School. Traditional Knowledge.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Localização da área de estudo..... | 21 |
| Figura 2 - Principal via da Pontinha do Bacuriteua..... | 22 |
| Figura 3 – Crianças e adultos no Rio Caeté..... | 23 |
| Figura 4 - Crianças na árvore do fruto jaca e fruto açaí..... | 24 |
| Figura 5 - Crianças e o Rio Caeté: um espaço e tempo do brincar e pescar..... | 25 |
| Quadro 1 - Crianças interlocutores da pesquisa..... | 26 |
| Figura 6 - Roda de conversa na margem do Rio Caeté..... | 28 |
| Figura 7 - Painel do trabalho..... | 30 |
| Figura 8 - Leitura e escrita..... | 30 |
| Figura 9 - Exposição cultural das artes produzida pelas crianças..... | 31 |
| Fluxograma 1 - Categorias de análises..... | 34 |
| Figura 10 - Iscas para a pescaria..... | 36 |
| Figura 11 - Linha para a pesca de peixe..... | 39 |
| Figura 12 - Landruá para a pesca do Siri..... | 40 |
| Figura 13 - Pesca com os pares..... | 42 |
| Figura 14 – Interação entre crianças e animais do manguezal..... | 45 |
| Figura 15 – Peixes organizado de forma crescente e agrupado por quantidade..... | 47 |
| Figura 16 – Peixes pesados de forma manual..... | 48 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 CONVERSAS INICIAIS | 12 |
| 2 PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA..... | 18 |
| 2.1 Tipo da Pesquisa | 19 |
| 2.2 <i>Lócus</i> da Pesquisa | 20 |
| 2.3 Crianças Interlocutoras da Pesquisa | 23 |
| 2.4 Coleta dos Dados..... | 27 |
| 2.5 Leitura e Organização dos Dados | 31 |
| 3 CRIANÇAS, PESCA ARTESANAL, TRABALHO E ESCOLA NO CONTEXTO DA COMUNIDADE DA PONTINHA DO BACURITEUA DA AMAZÔNIA BRAGANTINA | 33 |
| 3.1 CRIANÇAS E A PESCA ARTESANAL..... | 35 |
| 3.2 CRIANÇAS E O TRABALHO | 43 |
| 3.3 CRIANÇAS, ESCOLA E O TRABALHO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO | 46 |
| 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 52 |
| REFERÊNCIAS..... | 55 |
| APÊNDICE A..... | 58 |
| APÊNDICE B | 60 |
| APÊNDICE C..... | 61 |

1 CONVERSAS INICIAIS



“Eu amo estar aqui, gosto porque tudo é bonito. A gente toma banho na maré, pesca, brinca se diverte com as outras crianças”.

(LUANA, 11 anos).

Este estudo é resultado do Projeto de Pesquisa: Infâncias entre Trabalho Educativo e Trabalho Infantil no Contexto de Comunidade Pesqueira, financiado pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESP/UFGA), por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - Programa de Apoio ao Doutor Pesquisador (PIBIC/PRODOUTOR RENOVACÃO 2018-2019). Projeto que compõem as ações do Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Trabalho e Educação, Núcleo Infâncias (GEPTE/INFÂNCIAS).

A pesquisa apresenta como objeto de estudo os discursos de crianças residentes na Comunidade Tradicional da Pontinha do Bacuriteua, localizada no entorno de manguezais da Amazônia bragantina, sobre a pesca artesanal, trabalho e escola.

As crianças assumem a centralidade neste estudo, pois é no diálogo com e sobre elas, que buscamos apreender o contexto pesqueiro da qual fazem parte. Ouvir o que as crianças têm a dizer sobre seu espaço de convivência no cenário da pesca artesanal, significou compreender as particularidades das Infâncias da Amazônia bragantina, e as crianças desse contexto enquanto produtoras de ricas e intensas culturas infantis.

O interesse pessoal em pesquisar com e sobre crianças no contexto da Amazônia bragantina, ocorreu por meio das disciplinas: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Educação Infantil e Estágio Supervisionado em Educação Infantil¹, ofertadas no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Campus Universitário de Bragança da Universidade Federal do Pará (UFGA).

No processo teórico-pedagógico de discussão dessas disciplinas, tivemos contato com crianças em diferentes contextos do município de Bragança. Na interação com esses sujeitos, observamos que seus discursos são construídos a partir da relação entre si e o seu mundo social. Nessa relação, os brincades e brincadeiras emergem como uma linguagem própria das crianças, que revelam as infâncias entrelaçadas pelas práticas sociais e culturais dos múltiplos contextos bragantinos, como: costeiro, campo, manguezais e praiano. As crianças são sujeitos históricos, criativos, constituídos e constituidores de suas próprias culturas infantis, que na interação com a natureza e o seu contexto social recriam os seus espaços de convivência.

O interesse acadêmico em pesquisar os discursos de crianças da Pontinha do Bacuriteua sobre a pesca artesanal, trabalho e escola, tem relação com as experiências do pesquisador enquanto bolsista do Projeto de Iniciação Científica PIBIC/PRODOUTOR RENOVACÃO (2018-2019) e da participação no GEPTE/INFÂNCIAS. As discussões teóricas construídas no grupo acerca das Infâncias, crianças, fundamentados nos campos teóricos da

¹ Disciplinas ministradas pela professora Dr.^a Ana Paula Vieira e Souza no ano de 2017.

Sociologia da Infância e da Filosofia da Linguagem, trabalho e educação, articuladas aos estudos e pesquisas de campo empírico² realizada pelo GEPTE/INFÂNCIAS na Amazônia bragantina, foram determinantes para a incursão teórica sobre as especificidades desse grupo geracional no contexto costeiro, de campo e urbano do município de Bragança.

A base teórica e prática construída nos espaços do GEPTE/INFÂNCIAS visando à formação acadêmica na Iniciação Científica, foram essenciais para a compreensão da existência de muitas infâncias. Infâncias que são vividas por crianças de forma plena, e também as infâncias negadas pela submissão ao trabalho infantil (SOUZA, 2018). O reconhecimento da autora na existência de várias infâncias constitui-se na perspectiva de infância como uma categoria social, construída nas inter-relações sociais, conforme cada sociedade atribui um sentido e significado as crianças.

O Brasil adota a concepção de infâncias observando primeiramente a idade do indivíduo e posteriormente o que rege a proteção constitucional. A criança é compreendida como sujeito de direito a partir das normativas jurídicas: Constituição Federal (CF) de 1988, Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990, Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (LDB) de 1996 e as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNE) de 2013 e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017.

A criança na legislação brasileira tem o direito de ser protegida pelo Estado, família e sociedade. Os ordenamentos legais defendem o direito da criança em se desenvolver de forma plena, assegurando o direito à educação de qualidade, o brincar, o acesso à cultura e aos elementos essenciais para o seu desenvolvimento social, mental, físico e cultural. O fato de existir um amplo conjunto de Leis não garantem que todas as crianças vivenciem uma infância plena, pois existem crianças em situação de rua, pedintes, em situação de trabalho na feira livre, crianças que moram e vivem do trabalho no Lixão (SOUZA; OLIVEIRA; ALVES, 2018). São sujeitos que se encontram em situação de vulnerabilidade social e não vivenciam uma infância constitucional.

² Com a implantação do GEPTE Núcleo Infância no campus Universitário de Bragança no ano de 2017, o grupo desdobra seus estudos e pesquisas na perspectiva do Trabalho e Educação, Infâncias, Crianças e Culturas Infantis, têm se debruçado em pesquisar com e sobre crianças no contexto da Amazônia bragantina, por meio dos seguintes projetos de iniciação científica e de extensão: Brincadeiras e brincades mais recorrentes no universo infantil em escolas da Amazônia Bragantina no espaço do recreio (PIBIC/PRODUTOR 2017-2018); As constituições das brincadeiras e brincades de crianças em Comunidades no entorno de manguezais da Amazônia Bragantina (PIBIC/INTERIOR 2017-2018); Infâncias no contexto de Comunidade pesqueira e o trabalho como princípio educativo (PIBIC/INTERIOR 2018-2019); Educação e Direitos Humanos: diálogo em Comunidades Pesqueiras a respeito da vulnerabilidade social de crianças na Amazônia bragantina (PIBEX 2019-2020). Os resultados desses projetos colaboram para delinear uma concepção de infâncias do contexto da Amazônia costeira bragantina.

A diversidade sociocultural e geográfica do Brasil revela a existência de muitas infâncias vivenciadas por crianças ribeirinhas, quilombolas, do campo, de comunidade pesqueira, da cidade, as que trabalham e estudam, e as crianças que estão inseridas na exploração do trabalho infantil (SOUZA, 2009; DEL PRIORE, 2018). Cada criança em seu espaço/tempo de convivência apresenta sentidos e significados próprios que refletem a sua forma de ver e de pensar o mundo.

No contexto pesqueiro da Amazônia bragantina, as crianças estão inseridas em um intenso processo de produção cultural. Elas brincam, tomam banho no Rio Caeté, pescam, estudam, imaginam, sonham, interagem com seus pares, observam a dinâmica da Comunidade, constroem seus utensílios de pesca, ensinam e aprendem. Nesse processo de interação com o meio social pesqueiro, as crianças relacionam os elementos naturais da pesca artesanal com o currículo escolar e reconhecem o trabalho dos pescadores como fonte de subsistência para as famílias.

A pesca artesanal desenvolvida como forma de subsistências na Comunidade da Pontinha do Bacuriteua, revela-se como um elemento econômico e cultural que atravessa a dinâmica de vida de crianças e adultos. Desde muito cedo as crianças do contexto pesqueiro estabelecem relações dialógicas com a natureza, a pesca, o trabalho, o lazer, a religiosidade, os mitos e as crenças, elementos que estruturam o seu modo de vida na relação com a Comunidade.

A pesca artesanal é compreendida pelas crianças como atividades de grande importância para a Comunidade. O trabalho nessa modalidade de pesca configura-se pela intensa relação entre o homem e a natureza na qual são postos em movimento braços, pernas e cabeça “[...] a fim de se apropriar da matéria natural numa forma útil para sua própria vida” gerando a sua subsistência, pois o trabalho é uma ação na qual o ser humano por sua própria vontade, movimenta, modela e determina sua relação com a natureza (MARX, 2010, p. 211).

O trabalho nos discursos infantis assume a condição criadora, condição necessária para a existência humana, responsável por suprir as necessidades materiais do homem (SOUZA, 2014). O trabalho é concebido neste estudo como um direito e, ao mesmo tempo, um dever que deve ser apresentado às crianças desde a infância, não como uma obrigação, mas como um processo formativo, “[...] no qual o ser humano enquanto ser da natureza necessita elaborar a natureza, transformá-la, pelo trabalho, em bens úteis para satisfazer as suas necessidades vitais, biológicas, sociais e culturais” (FRIGOTTO, 2001, p. 74).

O homem não nasce homem, ele se constitui homem na medida em que trabalha, para isso é necessário aprender a se relacionar com a natureza, pois essa relação configura-se enquanto um processo educativo próprio da formação humana (SAVIANI, 2007).

A relação entre trabalho e educação não deve ser concebida de forma distinta, pois na realização do trabalho existe o processo de educação. O trabalho é um elemento da educação iniciado no seio familiar, na relação entre pais, mães e filhos, e ampliada no contexto educacional como uma forma de criação cultural (MAKARENKO,1981).

A escola sendo um espaço de socialização de aprendizados, de formação científica, cultural e social, é responsável por desenvolver o conhecimento teórico articulado os meios de produção, oferecendo “preparo para o exercício da cidadania e a [...] qualificação para o trabalho”, proporcionando ao sujeito condições de subsistência (BRASIL, 1990, p. 08).

Frente a relação apresentada entre a pesca artesanal, o trabalho e a escola, o estudo parte das seguintes questões: O que revela os discursos das crianças da Pontinha do Bacuriteua sobre a pesca artesanal, trabalho e escola? Que sentidos e significados são atribuídos nos discursos das crianças sobre a pesca artesanal, o trabalho e a escola? Como se dá a presença do trabalho enquanto princípio educativo a partir das vozes das crianças considerando a escola, o trabalho e a pesca artesanal?

Para responder essas indagações apresentamos como objetivo geral: analisar nos discursos de crianças os sentidos e significados sobre a pesca artesanal, trabalho e escola na Pontinha do Bacuriteua, e de modo específico: a) Investigar os sentidos atribuídos nos discursos das crianças sobre a pesca artesanal; b) Compreender a concepção de trabalho nos discursos das crianças e c) Identificar o modo como se revela o trabalho como princípio educativo no discursos das crianças a partir da relação entre conhecimento escolar e saberes pesqueiros.

A pesquisa apresenta a partir dos discursos das crianças os limites existentes entre o trabalho infantil e o trabalho como princípio educativo pelos discursos das crianças da Comunidade da Pontinha do Bacuriteua, ao revelar a pesca artesanal não apenas para a subsistência, mas com intuito de ser vendida para ganhar dinheiro e/ou renda extra para a compra de lanche, *pizza* e vídeo *game* pelas crianças.

O estudo revela ainda que as crianças atribuem um sentido a pesca artesanal, ora como atividade do brincar, ora enquanto divertimento, lazer, mas sobretudo é representada como elemento da subsistência. Elas valorizam o trabalho do pescador e os relacionam com os aprendizados escolares. Aparece o trabalho e a educação como princípios educativos em que as crianças aprendem a respeito da pesca artesanal nas interações sociais com os adultos e entre si, além do diálogo com o contexto costeiro.

O estudo está organizado em quatro seções. A primeira versa sobre as conversas iniciais apresentando o objeto de pesquisa, bem como as questões que norteiam o presente estudo, os objetivos gerais e específicos. A segunda seção apresenta os procedimentos teórico-

metodológicos da pesquisa, o lócus, os instrumentos utilizados para a coleta de dados no campo empírico e a técnica adotada para a análise dos discursos das crianças. A terceira seção trata dos achados da pesquisa, a qual revela os sentidos e significados presentes nos discursos das crianças sobre a pesca artesanal, trabalho e escola. Na quarta e última seção são feitas considerações sobre a pesquisa realizada, bem como a importante relação existente entre os saberes pesqueiros e os conhecimentos escolares presentes nos discursos das crianças.

2 PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA



“Eu gosto de morar aqui, eu gosto de estar aqui, sei lá é legal, a maré, as árvores, pescar, brincar, tudo é legal”.

(WELLINGTON, 11 anos).

Esta seção versa sobre os procedimentos adotados para a construção do método de investigação da pesquisa. Apresentamos a abordagem utilizada, o *locus* onde o estudo ocorreu, as crianças colaboradoras da pesquisa, os instrumentos utilizados para a coleta dos dados e por fim, a organização dos achados da pesquisa para a construção do *corpus* de análise.

2.1 Tipo da Pesquisa

A presente pesquisa é de abordagem qualitativa do tipo Etnofotográfica. A utilização da pesquisa qualitativa articulada ao uso de fotografias justifica-se por permitir o contato e o registro dos aspectos que constituem a realidade social das crianças pesquisadas, de modo a perceber e registrar as relações que esses sujeitos estabelecem com o Rio Caeté, o manguezal, a fauna e a flora amazônica e o que pensam sobre a pesca artesanal, o trabalho e a sua percepção sobre a escola, a leitura e a escrita.

Para Chizzotti (2008) a pesquisa qualitativa consiste em uma relação entre sujeitos, contextos e fatos que estão articulados ao objeto da pesquisa, dessa relação é possível apreender sentidos e significados que somente são perceptíveis através do olhar e da escuta sensível do pesquisador sobre o contexto e sujeito pesquisado. Desse modo, compreendemos que a pesquisa qualitativa se constitui enquanto um modo de investigação da realidade por possibilitar a intensa relação de troca entre pesquisador e sujeito pesquisado; o acesso as manifestações culturais e o contato com grupos geracionais distintos.

Segundo a compreensão de Souza (2014, p. 80) a pesquisa qualitativa permite realizar estudos socioculturais e fenômenos sociais a fim de identificar de modo detalhado “[...] a natureza do sentido, sejam eles motivos, anseios, crenças, valores e costumes, satisfazendo um espaço aberto de interação dialógica entre pesquisadores e pesquisados”. Assim, interessa-nos construir uma relação dialógica com as crianças de modo a conhecer as suas percepções sobre o contexto pesqueiro da Amazônia bragantina e a forma como se relacionam com a pesca artesanal, o trabalho e a escola.

Dado as possibilidades de investigação do contexto social, autores como Chizzotti (2008) e Souza (2014) afirmam que a pesquisa qualitativa não possui uma linearidade, um padrão a ser seguido, ou seja, a abordagem qualitativa permite a articulação com outros métodos de pesquisa. Desse modo, utilizamos a etnofotografia como elemento metodológico para ampliar a visão sobre as crianças no espaço pesqueiro. Para Tiballi e Jorge (2017) a foto é uma forma de linguagem de caráter não verbal capaz de representa a realidade social pesquisada.

A utilização do recurso fotográfico na pesquisa qualitativa contribui no sentido de “abordar com profundidade sincrônica a representação da vida social do grupo pesquisado,

evidenciando os aspectos que tornam explícitos o objeto da investigação” (TIBALLI; JORGE, 2017 p. 66).

Ademais, os registros fotográficos deste estudo evidenciam ações, fatos, experiências e situações que caracterizam o contexto social das crianças na Comunidade da Pontinha do Bacuriteua da Amazônia bragantina no momento do brincar no mangue, no banho de rio, na pescaria, na interação entre os pares e adultos e na relação que constroem no contexto onde residem. A leitura das fotos, articuladas aos discursos das crianças, permitem analisar como a pesca artesanal, o trabalho e a escola se revelam no cotidiano das crianças da Pontinha do Bacuriteua.

2.2 *Lócus da Pesquisa*

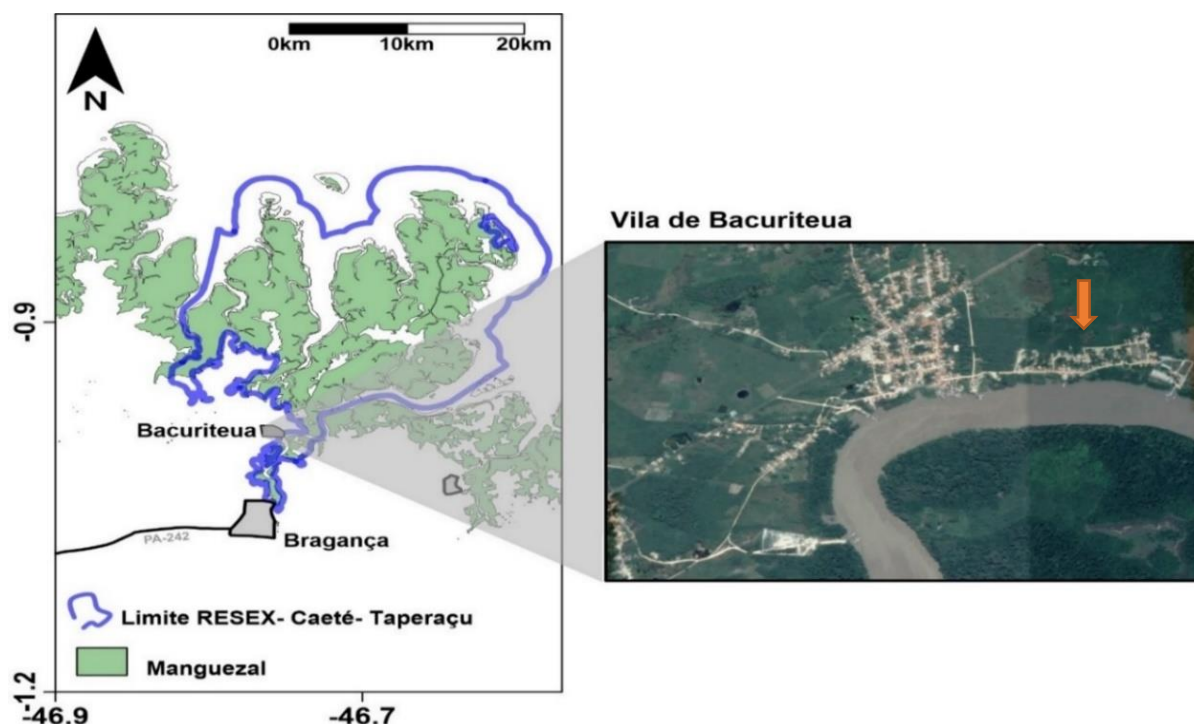
A pesquisa foi realizada entre agosto de 2018 e março de 2019 na Pontinha do Bacuriteua, Vila do Bacuriteua em Bragança-PA, localidade situada às margens da Rodovia PA-458, estrada que dá acesso à praia de Ajuruteua. A Comunidade lócus da pesquisa fica situada no entorno da Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu (RESEX-MAR). É uma área costeira de aproximadamente 42.000 hectares, banhada pelo Oceano Atlântico e pertence ao município de Bragança-PA. É uma reserva com maior área contínua de floresta de manguezais e mais preservada do Brasil (SARAIVA, ABDALA, WESLEY, 2012).

O objetivo principal da criação da RESEX segundo Oliveira e Maneschy (2014) foi o de “[...] garantir que as populações tradicionais, inclusos os ‘tiradores’, tenham resguardado o direito de uso dessas áreas para sua reprodução social” e o de preservar, para que pescadores e extrativistas de caranguejos possam desenvolver uma gestão que vise “à sua manutenção para as gerações atuais e futuras” (Idem, 2014, p. 131).

Geograficamente, a Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu possui Comunidades localizadas internas e no entorno dos limites espaciais da reserva. As Comunidades estão organizadas por 08 polos³, totalizando 67 comunidades, dentre elas, a Vila de Bacuriteua e a Pontinha do Bacuriteua. A ilustração do mapa mostra a localização geográfica da Vila de Bacuriteua e a Pontinha do Bacuriteua.

³ Polos dentro dos Limites da RESEX: Polo Bacuriteua; Polo Ajuruteua e no limite externo: Polo Cidade (área urbana de Bragança); Polo dos Campos; Polo Tamatateua; Polo Acarajó; Polo do Treme e Polo Caratateua. Ver Comunidades dos Polos (ABDALA, SARAIVA, WESLEY, 2012 p. 05).

Figura 1- Localização da área de estudo



Fonte: Autores, 2019.

A Pontinha do Bacuriteua, indicada pela seta vermelha na figura 1, é uma Comunidade Tradicional distante à 08 km da área urbana do município de Bragança, possui uma intensa atividade econômica sustentada pela pesca artesanal e pelo extrativismo de caranguejo (*Ucides cordatus*), mexilhões (*Mytella sp*) e siri (*Callinectes spp*). Representa para a Amazônia bragantina como um dos principais polos de produção pesqueira (OLIVEIRA; MANESCHY, 2014).

Na Comunidade da Pontinha do Bacuriteua “o uso do território pode ser regulado por meio das relações de parentesco e pela visão do uso do espaço pelo grupo”, pela divisão social de trabalho (OLIVEIRA; MANESCHY, 2014). A pesca se mostrou como uma atividade presente na estrutura familiar, que envolve crianças, jovens e adultos.

Evidencia-se ainda na Pontinha do Bacuriteua empresas⁴ que produzem gelo e abastecem com combustível as embarcações que desenvolvem atividades pesqueiras em alto mar, além de pequenos portos de embarque e desembarque de pescado.

No que tange a infraestrutura da Comunidade, identificamos a existência de igrejas (católica e evangélica), campo de futebol, bares e pequenos comércios. As escolas nas quais as crianças participantes da pesquisa estão matriculadas ficam localizadas na Vila de Bacuriteua,

⁴ Posto e Geleira Rio Caeté e Gelobrás, empresas que abastecem pequenas, médias e grandes embarcações com gelo, combustíveis, e ainda beneficiam o pescado.

sendo uma de Educação Infantil e uma de Ensino Fundamental que abrange os anos iniciais administradas pela Secretaria de Educação de Bragança (SEMED) e uma de Ensino Fundamental que abrange os anos finais e o Ensino Médio sob a gestão da Secretaria de Educação do Estado (SEDUC).

A Comunidade não dispõe de rede de saneamento básico, pavimentação asfáltica e água encanada em todas as casas. As residências são em sua maioria construídas em alvenaria, porém, existem casas construídas em pau a pique.

Figura 2 - Principal via da Pontinha do Bacuriteua



Fonte: Autores, 2018.

A figura 2 retrata a principal via de ligação entre a Pontinha do Bacuriteua e a Vila do Bacuriteua. A via delimita dois espaços na Comunidade, a margem esquerda da figura 2 está presente o maior quantitativo de residências e ao lado direito da figura encontra-se localizado o ecossistema de manguezais banhado pelo Rio Caeté, sendo este um espaço muito frequentado por criança, jovens e adultos que realizam diversas atividades.

A escolha pela área de estudo na Vila de Bacuriteua resulta de pesquisa do GEPTE/INFÂNCIAS a respeito do Trabalho Infantil⁵, em que os resultados apontaram ser um espaço de submissão de crianças em situação de trabalho. Diferentemente, a Pontinha do

⁵ Pesquisa coordenada pela Professora Dr.^a Ana Paula Souza, realizada em 2017, com a Turma de Pedagogia 2015, em espaços costeiros, campo e urbano de Bragança, a fim de identificar a presença do Trabalho Infantil no Município e ouvir as crianças em situação de trabalho. O estudo concluiu que as Infâncias de Bragança em condição econômica menos favorecida estavam envolvidas nas Piores Formas de Trabalho Infantil e sem a garantia de proteção, o direito ao brincar, do contrário estavam submetidas as diversas formas de violência (física, sexual, exploração e trabalho árduo).

Bacuriteua mostra que atividade da pesca é cultural e as crianças aprendem o ofício observando e escutando os adultos.

O espaço costeiro da Pontinha do Bacuriteua foi propício para a realização da pesquisa com e sobre as crianças no contexto da pesca, do mesmo modo a aproximação com os adultos da Comunidade. A pesquisa aconteceu sem nenhum tipo de interferência por parte dos responsáveis das crianças. Os pesquisadores se identificaram como acadêmicos e estudantes da Iniciação Científica do Curso de Pedagogia do Campus Universitário de Bragança e com uso de camiseta com símbolo da UFPA e nome do Curso.

2.3 Crianças Interlocutoras da Pesquisa

Participaram da pesquisa 11 (onze) crianças moradoras da Pontinha do Bacuriteua. O contato com as crianças aconteceu na proximidade do Rio Caeté, elas estavam brincando na água, acompanhadas de adultos.

Figura 3 - Crianças e adultos no Rio Caeté



Fonte: Autores, 2018.

No mês de agosto de 2018, realizamos o primeiro contato com as crianças e adultos para a apresentação do objetivo da pesquisa. Aproveitamos esse momento para perguntar se elas desejavam colaborar com a pesquisa e de pronto aceite, ficou deliberado uma reunião com pais e responsáveis para apresentar o plano de trabalho da pesquisa, o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e autorização do direito ao uso de imagem. De posse das assinaturas, a pesquisa seguiu o cronograma do Plano de Atividade do PIBIC/PRODOUTOR (2018-2019).

As visitas à comunidade Pontinha do Bacuriteua aconteceram entre os meses de agosto e dezembro de 2018, duas vezes por semana. A partir de 2019, entre janeiro e março, apenas uma vez por semana devido o período das chuvas do inverno Amazônico.

Conforme as visitas dos pesquisadores se tornaram frequentes a Comunidade, as crianças e os adultos foram adquirindo confiança, passando a existir a aproximação entre ambos as partes. Com o tempo a chegada dos pesquisadores era aguardada ansiosamente pelas crianças. Elas se aproximavam e a conversa fluía sobre diversos assuntos relacionados a pesca, o trabalho e a escola.

As interações com as crianças na margem direita do Rio Caeté favoreceram a escolha dos participantes, pois elas tomavam banho e praticavam a pesca e a extração de Siri no mangue. Posteriormente realizamos a identificação da faixa etária de cada um, para atender os critérios do Plano de Trabalho do Projeto de Pesquisa do PRODOUTOR (2018-2019).

Além de encontrar as crianças na beira do Rio Caeté, ainda as localizamos em diferentes espaços sociais da Comunidade, como no brincar de jogar bola no campinho, conversa embaixo e no galho de árvores (Árvore do fruto Jaca e Açaí), em roda de conversa com jovens e adultos.

Figura 4 – Crianças na árvore do fruto jaca e fruto açaí



Fonte: Autores, 2018.

As crianças moradoras da Comunidade adquirem habilidades como subir em árvores com muita facilidade e são destemidas, se arvoram a apanhar o melhor fruto no topo do galho da jaqueira e escalam com muita facilidade os pés de açaizeiros para saborear os frutos maduros.

Elas escolhem a árvore e combinam a subida, o tempo para alcançar determinado galho e aproveitam o tempo para o diálogo sobre o sabor do fruto.

A magia da margem do Rio Caeté na Pontinha do Bacuriteua se mostrou pelo intenso movimento das crianças com as águas, a pesca artesanal e a interação do trabalho educativo com os pais e responsáveis por elas. O Rio Caeté é lugar do banho, da pesca, do brincar e das interações sociais entre criança-criança e criança-adulto. Na Pontinha do Bacuriteua o rio é muito frequentado pelas crianças para atividades da pesca artesanal, pesca de siri e rara às vezes elas desafiaram o mangue para extrair o caranguejo.

Figura 5 - Crianças e o Rio Caeté: um espaço e tempo do brincar e pescar



Fonte: Autores, 2018.

A margem esquerda do Rio Caeté foi o espaço principal para o desenvolvimento da pesquisa. Um lugar de beleza exuberante da Amazônia bragantina. O espaço da igreja católica da Comunidade foi outro lugar de interação cultural com as crianças.

As crianças se misturam por idade e gênero, elas vivem e experimentam os recursos naturais, se apropriam dele e constroem suas culturas infantis pelo brincar, pela atividade da pesca e pela confecção do instrumentos artesanais para a prática pesqueira. O Estudo dialogou com infâncias singulares, entre idades de 8 (oito) e 12 (doze) anos, que não faziam diferença entre si.

A escolha das crianças atendeu aos critérios estabelecidos no Projeto do PIBIC/PRODUTOR (2018-2019), de não limitar *a priori* o número de participantes, respeitar a faixa etária entre 08 (oito) e 12 (doze) anos, sendo estes matriculados em escolas da rede Municipal e frequentando o Ensino Fundamental Anos Iniciais. A escolha da etapa da Educação

Básica foi para atender a discussão do trabalho como princípio educativo (forma e conteúdo), relacionando-o com o ato da leitura e escrita das crianças.

No início da pesquisa no mês de agosto de 2018, várias crianças se interessaram pela pesquisa, com o tempo deixaram de vir aos encontros, os motivos estão relacionados às atividades na igreja como ensaio do coral, escola bíblica, catequese e também a participação na escolinha de futebol da Comunidade. Efetivamente, acompanharam todas as etapas da coleta de dados um total de 11 (onze) crianças que atenderam ao critério de participação da pesquisa: 1) Morar na Comunidade da Pontinha do Bacuriteua e 2) Estar matriculada na escola e frequentando regularmente.

As crianças optaram pela identificação do seu primeiro nome, o uso de sua imagem e não aceitaram nomes fictícios. Todas são estudantes da escola da Vila de Bacuriteua, nascidas na comunidade, moram com os pais, e/ou avós, outras apenas com o pai ou com a mãe.

No total de 11(onze) crianças, apenas duas meninas participaram até o final da pesquisa. Os meninos têm mais frequência no Rio Caeté sem a companhia de um adulto; enquanto que as meninas estavam sempre em companhia dos responsáveis, raramente tomavam banho de Rio no horário da manhã, muitas vezes realizavam atividades do âmbito doméstico.

Quadro 2 - Crianças interlocutores da pesquisa

| | NOME | SEXO | IDADE | ESCOLARIDADE |
|--------------------------|-------------|-------------|--------------|---------------------|
| 01 | Marcos | Masculino | 08 | 2º Ano |
| 02 | Frederico | Masculino | 09 | 3º Ano |
| 03 | Adriele | Feminino | 10 | 3º Ano |
| 04 | Adson | Masculino | 10 | 4º Ano |
| 05 | João | Masculino | 11 | 3º Ano |
| 06 | Luana | Feminino | 11 | 5º Ano |
| 07 | Wellington | Masculino | 11 | 4º Ano |
| 08 | Samuel | Masculino | 11 | 5º Ano |
| 09 | Cauã | Masculino | 11 | 5ºAno |
| 10 | Charles | Masculino | 12 | 5º Ano |
| 11 | Jameson | Masculino | 12 | 5º Ano |
| TOTAL: 11crianças | | | | |

Fonte: Autores, 2019.

Considerando as informações do Quadro 2 em relação a escolarização das crianças, observamos que não apresentam distorção de idade e série.

2.4 Coleta dos Dados

O cronograma previu os meses de setembro a dezembro de 2018 para a aplicação das técnicas e instrumentos para coletar as informações com e sobre as crianças. A agenda da pesquisa se ajustou para o final de semana e feriado, com o objetivo de atender as crianças matriculadas em turnos diferentes. Todavia, visitamos a Beira do Rio em outros dias da semana, raramente, localizamos as crianças nesse espaço.

Para coletar as informações sobre a pesca artesanal, o trabalho e a escola com as crianças foi utilizado um conjunto de técnicas, como observação participante, roda de conversa (sobre o tema pesca artesanal e escola), painel do trabalho (com o tema profissões), atividade de leitura e escrita (caça palavra e palavra cruzada), seguindo os critérios metodológicos do Planejamento do Projeto de Pesquisa Doutoral de Souza (2014).

Os estudos realizados por Souza (2009; 2014) permitiram a construção de um conjunto de técnicas para pesquisar com e sobre crianças, dentre elas a roda de conversa e a atividade de painel (musical e do trabalho). Para a autora, a pesquisa com e sobre crianças deve ter o princípio do brincar, caracterizada pelo uso de metodologias adequadas as idades, atividades criativas e lúdicas, que despertem nas crianças o desejo em participar do estudo, bem como, para ela, é necessário selecionar forma de registro das vozes infantis. Assim, as atividades foram registradas em um diário de bordo, recursos tecnológicos como: câmera digital, *smartphone*, gravador de áudio e a participação de um bolsista do GEPTE.

A observação participante na concepção de Souza (2009; 2014) permite aos pesquisadores se aproximarem de crianças com a intenção de estreitar as interações acerca do objeto estudado. Para a autora é uma técnica criadora e investigativa e deve permear o tempo da pesquisa de campo empírico, um lugar da descoberta e da produção de outros conhecimentos.

No período da observação participante as conversas com as crianças permitiram aos pesquisadores se aproximarem do contexto pesqueiro, da atividade cultural da pesca, do brincar, das interações geracionais com adultos, crianças e com os manguezais.

A roda de conversa é uma técnica defendida por Souza (2014) com fundamentos teóricos no campo da Psicologia Social, com base na técnica do Grupo Focal, que privilegia o partilhar de saberes da realidade histórico-cultural de crianças e permite a construção de diálogos sobre temáticas do seu contexto social. No Grupo Focal segundo Gatti (2005, p. 7) as pessoas participantes precisam “ter alguma vivência com o tema a ser discutido de tal modo que sua participação possa trazer elementos ancorados em suas experiências cotidianas”.

Os temas centrais da roda de conversa foram a pesca artesanal e a escola. Buscou-se identificar os saberes tradicionais sobre a prática pesqueira; a pesca como subsistência das famílias; a apropriação das crianças com a pesca e articulação desses conhecimentos com a escola pelo trabalho como princípio educativo e a relevância da escola para as crianças da Pontinha do Bacuriteua.

Figura 6 - Roda de conversa na margem do Rio Caeté



Fonte: Autores, 2018.

O lugar a margem do mangue do Rio Caeté se transformou em palco das rodas de conversas, espaço lúdico, dialogado, afetivo, organizados com tapetes coloridos de tecido não tecido (TNT). O tempo das conversas durava aproximadamente 2h.

Para cada encontro da roda de conversa elegeu-se a temática principal. Se iniciava a roda de conversa dando voz às crianças, se desejavam informar, noticiar algum acontecimento ou se tinham outros assuntos.

Para dialogar sobre a pesca optamos por um roteiro de perguntas para servir de base para as interações. As crianças eram indagadas sobre: Como aprenderam a pescar? Que instrumentos utilizam na pesca artesanal? Como vocês realizam a pesca artesanal? O que pescam? Para você o que é a pesca artesanal?

Na roda de conversa a respeito da escola, do conhecimento escolar e da relação com os saberes culturais da pesca pelas crianças, seguiu-se perguntando a elas: É importante estudar e por quê? A escola é importante para vocês? Como? O que se aprende na pesca contribui com as atividades na escola?

O painel de atividade é uma técnica desenvolvida por Souza (2014), que permite a exposição de várias imagens acerca de um tema, a produção de arte, a música como desenho sobre concepção de infâncias e crianças, o trabalho como profissão e o trabalho infantil. No painel usa-se recorte de revista coladas em papel cartão, cartolina, com tamanho 30x20cm (SOUZA, 2014).

A atividade do Painel do trabalho retratou as profissões, como: professor, médico, doméstica, jogador de futebol, pescador, engenheiro civil, engenheiro de pesca, motorista, atriz, ator, cozinheiro, gari, cantor e entre outras imagens como crianças em situação de trabalho infantil. A intenção foi a de perceber se existia a presença do trabalho infantil e como se manifesta, na relação trabalho-escola, o trabalho como princípio educativo.

A aplicação do painel do trabalho foi realizada na Igreja católica da Pontinha do Bacuriteua, devido o tempo chuvoso não pode ser realizado na beira do Rio Caeté. As crianças se sentaram no tapete colorido de TNT, e no centro da roda colocamos as figuras sobre as profissões.

As crianças foram orientadas pelos pesquisadores sobre a atividade que realizariam, da seguinte maneira: cada criança deveria observar as imagens apresentadas e escolher duas que mais lhe chamasse a atenção. De posse das ilustrações elas foram indagadas da seguinte forma: O painel mostra imagens de quê? É trabalho? Por que você escolheu essas duas imagens e não outras? O que é trabalho para você? Criança trabalha? Vocês sabem o que é trabalho infantil? Vocês conhecem crianças no trabalho infantil? A pesca é um trabalho?

Figura 7 - Painel do trabalho



Fonte: Autores, 2018.

A Atividade de leitura e escrita foi realizada em dois espaços, na margem do Rio Caeté e na Igreja. As crianças receberam atividade de Caça-Palavra com termos do cotidiano da pesca artesanal. As Palavras Cruzadas apresentaram os termos relacionados às profissões desejadas pelas crianças para o futuro. A leitura e interpretação do texto foi da música Aquarela de Vinicius de Moraes. A atividade consistia na leitura da letra da música e posteriormente a escrita de uma frase com uma palavra que as crianças mais se identificavam.

Figura 8 - Leitura e escrita



Fonte: Autores, 2018.

A realização das atividades de leitura da letra da música Aquarela, e as atividades de Palavras Cruzadas e Caça-Palavras objetivaram revelar o domínio da leitura e da escrita das crianças, e ainda permitiu perceber como as crianças relacionam os saberes pesqueiros às práticas escolares. A investigação desses elementos na pesquisa, justifica-se por compreendermos que o trabalho como princípio educativo concretiza-se na vida social do sujeito, por meio da articulação entre os conhecimentos escolares, e as atividades úteis da vida cotidiana, visando à formação teórico-prática do ser humano.

As crianças foram convidadas a produzirem histórias, desenhos e pinturas de forma livre para a realização do encerramento da coleta de dados na Comunidade. Para a conclusão da etapa de coleta dos dados, realizamos um grande momento de exposição artística das produções das crianças, onde colocamos a mostra fotos, pinturas e suas atividades escrita (Caça-Palavra, Palavra Cruzada e histórias), todas fixadas em uma rede de pesca, para socialização com a Comunidade. Esse foi um rico momento de interação com as crianças, pais e pesquisadores, na qual as crianças foram as protagonistas da pesquisa.

Figura 9 - Exposição cultural das artes produzida pelas crianças



Fonte: Autores, 2018.

Ao reconhecerem suas produções, as crianças ficaram eufóricas, conversando entre si sobre as produções que realizaram.

2.5 Leitura e Organização dos Dados

A pesquisa realizada com crianças exige dos pesquisadores, na leitura do material coletado, o cuidado com a linguagem, os termos linguísticos como expressões culturais, valores, costumes, crenças do contexto social, são elementos que colaboram para a compreensão do objeto pesquisado. Desse modo, os discursos das crianças foram mantidos conforme o uso da sua linguagem. As informações coletadas foram cruzadas a fim de observarmos pontos de proximidade e distanciamento entre uma atividade e outra, o que permitiu ajustar algumas ações no campo empírico.

A leitura dos dados acontecia após o retorno de cada encontro com as crianças. As transcrições dos discursos seguiram a seguinte organização: Data de aplicação; instrumento de coleta de dados utilizado; nome das crianças e os discursos referentes às perguntas realizadas. Assim, foi possível construir tabelas relativas aos discursos de cada criança, possibilitando uma ampla leitura dos enunciados discursivos. A disposição dos discursos em tabelas permitiu extrair das vozes das crianças, os sentidos e significados referentes a pesca artesanal o trabalho e a escola.

A concepção de discurso em Bakhtin (2003) é o de se compreender que a linguagem é o elemento constituinte das interações sociais. A linguagem segundo o autor “só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. [...] constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem” (BAKHTIN, 1997, p. 183). A linguagem em qualquer campo de atuação, seja no

cotidiano “está impregnada de relações dialógicas”, ou seja, tem que se transformar em discurso, que precisam se materializar no enunciado, “ganhar autor e criador do enunciado” (Idem).

Assim, os discursos das crianças ganharam autoria a respeito de como a pesca artesanal, o trabalho e a escola assumem forma na linguagem e aproximam o enunciado do trabalho como princípio educativo e se distanciam do trabalho infantil no contexto da Pontinha do Bacuriteua.

A construção do material de análise privilegiou a técnica da Análise do Discurso pela Filosofia da linguagem de Bakhtin (2004), com uso da categoria polifonia. A polifonia tem o sentido de um texto dentro de outro texto, para o autor representa outras vozes, falas entrelaçadas de outros enunciados discursivos. Então, aparecem nos discursos das crianças da Amazônia bragantina muitas vozes que emergem, da pesca, do rio, do mar, do siri, do caranguejo, da escola, do adulto, do trabalho etc., outros textos estão presentes nas interações dialógicas.

As crianças anunciam a pesca artesanal pela voz do outro, a voz do pai, da mãe, a voz do adulto, todavia elas recriam outras formas de atuar na pesca. Desse modo, “é no ponto desse contato entre vozes-consciências que nasce e vive a ideia” (BAKHTIN, 1997, p. 86). Essas vozes se cruzam e entrecruzam formando uma grande teia discursiva, que chega às crianças pelo processo de interação com outros sujeitos e com o meio social (BAKHTIN, 2004).

A concepção de discurso em Bakhtin (2011) torna-se elemento importante para as análises dos dados, pelo fato do autor compreender que a linguagem é o elemento constituinte das interações sociais. Cabe aqui perceber como a pesca artesanal, o trabalho e a escola ganham sentidos e significados na linguagem das crianças e determinam seus processos de interação com o contexto pesqueiro.

A coleta dos dados realizada por meios de técnicas lúdicas foram fundamentais para acessar a multiplicidade dos discursos infantis e compreender a relação que as crianças estabelecem com a pesca artesanal, o trabalho e a escola. Foi possível perceber que as crianças da Pontinha do Bacuriteua, da Amazônia bragantina são produtoras de culturas infantis. As vozes das crianças revelaram à riqueza cultural na qual estão inseridas, que se articulam a importância do trabalho na vida da comunidade, a relação entre a pesca e a escola, sentidos que revelam a criança como sujeitos socio-históricos que participam ativamente dessa dinâmica social.

3 CRIANÇAS, PESCA ARTESANAL, TRABALHO E ESCOLA NO CONTEXTO DA COMUNIDADE DA PONTINHA DO BACURITEUA DA AMAZÔNIA BRAGANTINA



“Meu pai é pescador, o trabalho dele é muito importante pra mim e pra toda a minha família. A pesca é a nossa vida porque é de lá que a gente tira nosso sustento”.

(LUANA, 11anos).

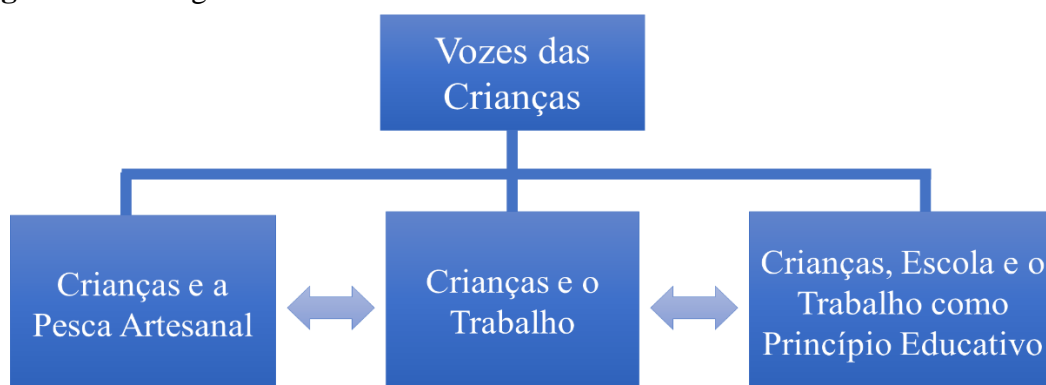
Nesta seção apresentamos os resultados da pesquisa manifestos nos discursos de crianças no contexto pesqueiro da Comunidade Pontinha do Bacuriteua da Amazônia bragantina a respeito da pesca, do trabalho, da escola no ato da leitura e escrita.

Do *corpus* constituído emergiram as categorias de análise descritiva. A pesca emerge como uma atividade de lazer; as crianças aprenderam a pescar com os pais, as crianças são filhos de pescadores. A escola nas vozes das crianças é um espaço importante para aprender a ler e escrever e ter formação profissional e acadêmica. O trabalho é compreendido por esses sujeitos como necessário, serve para ganhar dinheiro, atividade realizada pelo adulto, mas existe criança que trabalha. O trabalho infantil aparece nos enunciados discursivos das crianças como ajudar em casa, na pesca e a vender o siri. No entanto, essas práticas não assumem sentido degradante, tão pouco implica negativamente nas atividades escolares. As crianças reconhecem no espaço urbano o trabalho de criança na feira livre de Bragança, sendo para elas a representação do trabalho infantil.

Em relação a leitura, nem todas as crianças apresentaram o domínio do ato de ler, escrever e de interpretar a mensagem do texto da música Aquarela. Elas conseguem relacionar os saberes pesqueiros com as atividades escolares.

As crianças revelam os seus envolvimento nas atividades pesqueiras da família como atividade criadora e não enquanto trabalho alienado que as explora e nega as suas infâncias, do contrário a pesca se mostra para elas como trabalho de sociabilidade da vida humana (SOUZA, 2014). Entretanto, algumas crianças desenvolvem atividades no âmbito doméstico, na prática de vender peixe ou siri (o ganho dessa produção nas vozes das crianças é destinado para momentos de lazer como: comprar *pizza*, custear uma hora no vídeo *game* e lanches na Vila de Bacuriteua), mas elas não têm obrigação de realizar com frequência essas formas de trabalho infantil. Esses achados na pesquisa agrupados e organizados originaram as categorias de análise:

Fluxograma 1- Categorias de análises



Fonte: Autores, 2019.

3.1 CRIANÇAS E A PESCA ARTESANAL

Na pesca artesanal as pessoas movimentam as suas habilidades cognitivas e corporais para transformar o ambiente natural, como os manguezais, para produzir a sua subsistência (DIEGUES, 2004). Na concepção do autor a essência da pesca artesanal é estabelecida pela intensa relação entre o pescador e a natureza, por acontecer na inter-relação do conhecimento com o “[...] meio-ambiente, condições de marés, identificação dos pesqueiros e manejo dos instrumentos de pesca. Este conjunto de conhecimentos faz parte dos meios de produção dos pescadores artesanais” e constituem a dinâmica de vida e subsistência nas Comunidade Tradicionais Pesqueiras (DIEGUES, 2004, p. 188).

As crianças da Pontinha do Bacuriteua enunciam em seus discursos que aprenderam a pescar peixes e crustáceos e a confeccionar os instrumentos da pesca artesanal com os seus pais e outros membros da família. Aprenderam com seus familiares a extrair da terra a isca, como as minhocas que servem de alimentos atrativos para a pesca do peixe. Assim como, usam barriga de sardinha e restos de galinha para servir de isca para a pesca do siri.

Figura 10 - Iscas para a pescaria



Fonte: Autores, 2018.

A pesca artesanal emerge nos discursos das crianças como atividade permeada por saberes culturais construídos na Comunidade de forma geracional, é um saber socializados do adulto para a criança por meio da observação das práticas e dos diálogos entre pais e filhos.

Luana: Eu aprendi a pescar com o meu pai. Quando ele ia pescar, às vezes eu ia com ele, aí eu via como ele jogava a rede na maré, como ele lançava a linha na água. [...] eu também perguntava muito como era que pescava. [...] um dia

que eu fui com ele no barco lá pro rancho, [...] no caminho [...], eu joguei a linha na água e um peixe físgou a linha, aí eu puxei, e veio o peixe, [...] assim que eu aprendi a pescar.

Adrielle: Foi com o meu irmão que eu aprendi a pescar, vendo ele pescar. Ele me ensinou a pescar peixe na linha, jogar o anzol com a isca. Depois que ele me disse como era pra fazer, eu joguei pela primeira vez a linha na água, e aí eu pesquei.

Todavia, tem crianças como o João, que aprendeu a pescar siri olhando as outras crianças pescando o crustáceo utilizando linha de pesca.

João: Não sei, mais acho que aprendi só! Eu nunca tinha pescado siri de linha, aí hoje eu fui na beira com os meninos que estavam pescando, aí eu pesquei siri pela primeira vez de linha, e até peguei alguns siris.

Para as crianças da Pontinha do Bacuriteua a pesca não se constitui como uma obrigação, assume o sentido do divertimento, causa prazer, alegria e interação entre os pares. Nessa intensa interação entre a criança e o Rio Caeté, nasce uma grande intimidade social, a qual é responsável por promover ricas e significativas experiências entre as crianças na simbiose com a natureza.

Adson: [...] é legal aqui, dá pra tomar banho, pescar, brincar.

Charles: É a gente mesmos que gosta de vim pescar, que vai, faz a linha, pega a isca e pesca. Fazemos isso porque gostamos mesmo.

Adrielle: [...], pescar é muito divertido.

A pesca artesanal para as crianças da Pontinha do Bacuriteua tem um sentido de brincar, de cultura e um significado social do trabalho como atividade para subsistência da família, ainda que estejam inseridas nas práticas pesqueiras com os pais, para elas não existe obrigatoriedade de praticar, pois essa atividade culturalmente é função do adulto, o responsável pela família com questões econômicas na Comunidade.

Os discursos das crianças da Pontinha do Bacuriteua revelam a pesca artesanal como tempo e espaço de brincar, do aprender e ensinar, de socializar e interagir com o outro, também, como atividade produtora das culturas infantis. Para elas a pesca tem significado de linguagem corporal e cultural com outras crianças, com o Rio Caeté, o mar, os peixes, os instrumentos de pesca, sobretudo nos brincares e diálogos no momento da pescaria.

Luana: Eu venho pescar porque eu quero mesmo, porque eu gosto de pescar, eu gosto de tá na água. Quando eu pesco eu me divirto muito com as outras crianças.

Adrielle: A gente pesca porque é divertido, é bacana.

Jameson: Eu acho que todo mundo aqui (criança) gosta de pescar. Pescar é divertido, é uma aventura, é um desafio.

Cada criança atribui a pesca um sentido e significado particular que diz respeito a relação que foi construída individualmente com o manguezal, entretanto, as relações forjadas pela pesca artesanal são resultados de momentos de divertimento e prazer, por isso, comumente as crianças associam a pesca com o sentimento de satisfação, lugar de desafio e criação de novas relações com o meio natural.

As crianças da Pontinha do Bacuriteua da Amazônia bragantina, na pesca artesanal, estabelecem com o ambiente natural de manguezais uma relação auto criativa por meio de instrumentos específicos para a realização da pescaria, tais como: canoas, redes de pesca, landruá⁶, musuá⁷, dentre outros objetos que são confeccionados pelos próprios pescadores e pelas crianças na produção do seu sustento, ou seja, elas transformam a natureza a seu favor e ao mesmo tempo criam condições para a própria existência, nesse processo modificam e são modificadas pela natureza (FRIGOTTO, 2009).

Nos discursos das crianças da Pontinha do Bacuriteua aparece a pesca artesanal como meio de produção do trabalho, pois transformam as suas habilidades físicas e mentais em saberes culturais e recriam as próprias ferramentas utilizadas na atividade pesqueiras que protagonizam, por exemplo, a confecção da linha para a pesca de peixes.

⁶ Armadilha confeccionada artesanalmente para a captura especificamente de siri. Consiste em uma armação redonda de ferro, amarrado a uma rede ou tela de náilon, formando um funil onde o siri ficará preso ao tentar capturar isca. É necessário ainda fixar a chumbada para que a armadilha não se desloque do fundo do Rio.

⁷ Instrumento de pesca construído artesanalmente para a captura de peixes e siri. Consiste em uma armação de madeira retirada do próprio ecossistema de manguezais, agrupadas por meio de amarrações apresentando pequenos espaçamento entre uma madeira e outra. Possui formato cilíndrico e nas suas extremidades existem uma pequena abertura na qual entraram os peixes e siri. Quando o animal adentra o cilindro por uma das extremidades para alimentar-se da isca que é disposta em seu interior, ele não consegue mais sair da armadilha. É necessário fixar o instrumento no tijuco para que a força da correnteza não o desloque, causando a sua perda.

Figura 11 - Linha para a pesca de peixe



Fonte: Autores, 2018.

A linha de pesca é um instrumento muito utilizado pelas crianças na pesca artesanal de peixes, elas apresentam grande domínio e presteza para confeccionar esse objeto. A construção da linha de pesca é um saber que tradicionalmente é socializado entre pais e filhos, dessa forma, as crianças enunciam que para a construção desse instrumento é necessário linha de náilon, anzol e uma chumbada.

Samuel: [...] tem que ter a linha de náilon, aí na ponta dessa linha, a gente amarra o anzol, e um pouco antes do anzol, tem que amarrar a chumbada. Aí é assim, tem o anzol, na ponta do anzol a gente coloca a isca, aí a gente joga esse anzol na água, e deixa, aí tem que esperar o peixe pegar e comer o anzol, aí quando fisgar tem que puxar, aí pega o peixe.

O acesso a esse saber tradicional da construção da linha para a pesca, está alicerçado nos conhecimentos e nos discursos de outros (Bakhtin, 2011). O acesso a esses discursos fornece subsídios para que cada criança possa construir a sua própria linha, ou seja, a aquisição desse saber através do discurso do adulto, oferece às crianças autonomia social e a possibilidade de construir novas formas de realizar a pesca.

As crianças da Pontinha do Bacuriteua ainda apresentam formas diferenciadas para pescar siri com o uso de instrumentos artesanais de pesca.

Wellington: O siri tem um bocado de jeito pra gente pescar, com a rede, a gente joga a rede, aí ele vai pro fundo da água [...] aí a gente espalha a rede, e vem puxando rápido, aí os siris vão se malhando na rede, aí cada vez que eles

se mechem mais, eles vão se atrapalhando na rede. Tem o Landruá, que é uma rede presa em um ferro redondo que tem um bocado de cordinhas, aí tem o fio preso e o isopor também pra saber onde a gente colocou o Landruá, e também a gente coloca dentro uma pedra, pra correnteza não arrastar, aí a gente coloca a isca de carne, frango, o que tiver, aí ele vem comer.

As formas que a pesca arsenal de crustáceos podem assumir nas práticas infantis, revelam os saberes que as crianças acumulam durante a realização de cada atividade comunitária, e principalmente familiar. Elas internalizam a forma como cada instrumento deve ser usado, desenvolvem habilidades específicas para manusear cada elemento em função da captura dos animais.

Figura 12 - Landruá para a pesca do Siri



Fonte: Autores, 2018.

As crianças da Pontinha do Bacuriteua são conhecedoras de métodos artesanais variados, apresentam domínio dos saberes tradicionais concernentes aos diversos instrumentos da pesca artesanal utilizados cotidianamente pelos seus pais na Comunidade. Os saberes acerca desses instrumentos de pesca, apontam a proximidade das crianças com a atividade de pesca, pelas experiências com o Rio Caeté, o mangue e a Comunidade.

A apropriação dos saberes pesqueiros é resultado de ricas experiências protagonizadas pelas próprias crianças na interação com o Rio Caeté e o manguezal. A construção das experiências infantis no contexto pesqueiro, “[...] está diretamente relacionada à aquisição de conhecimentos, construídos por diferentes saberes presenciados e vividos por cada ator social, que imprescindivelmente registrará uma marca cultural [...]” no seu modo de pensar e agir (CORRÊA, 2018, p. 72). Ao terem contato com elementos e objetos que constitui a cultura local, as crianças não estão simplesmente internalizando um conhecimento cultural específico,

elas do mesmo modo estão transformando, reinventando e principalmente produzindo suas culturas infantis.

Ao se apropriarem e ressignificarem os saberes tradicionais da Comunidade que circundam o universo infantil, as crianças estão se auto organizando em função da aquisição de saberes específicos pesqueiros.

O acesso às práticas da pesca artesanal assume no discurso das crianças um caráter educativo, a partir dessa compreensão as crianças estão reconhecendo a natureza social do trabalho pesqueiro na subsistência da Comunidade. Isso colabora para que as crianças da Pontinha do Bacuriteua estruturem a sua auto-organização da vida social.

As crianças realizam a auto-gestão de suas ações pesqueiras, de modo a organizar suas próprias experiências com o mundo social (PISTRAK, 2011). Elas, no ato de pescar definem quais instrumentos serão utilizados, o que será pescado e o local onde irão pescar.

Samuel: Quando a gente marca pra ir pescar com os meninos, a gente primeiro vê se tem isca, porquê sem isca não dá pra pescar, né? Depois escolhe o lugar, pode ser aqui na beira da maré, ou na firma. Se a gente for pesca peixe, a agente leva as linhas, se for siri a gente leva o landruá.

O discurso de Samuel revela a autonomia que as crianças desenvolveram em função dessa atividade. A construção dessa autonomia é um reflexo da necessidade que esses sujeitos possuem em protagonizar suas próprias atividades pesqueiras. Ao articular-se com seus pares, as crianças estão organizando-se e buscando as melhores possibilidades para realizar tal ação, tomando decisões em prol do objetivo em comum.

As crianças assim como em outros grupos geracionais se constituem como um coletivo, “[...] quando estão unidos por determinados interesses, dos quais têm consciência e que lhes são próximos” (PISTRAK, 2011, p. 146). Desse modo, quando dialogam sobre como, onde e o que vão pescar, as crianças estão ao mesmo tempo, compartilhando saberes e construindo suas identidades.

Figura 13 - Pesca com os pares



Fonte: Autores, 2018.

As crianças da Pontinha do Bacuriteua privilegiam a pesca com os pares, poucas foram as vezes que observamos crianças pescando de modo individual. Pescar em grupo para as crianças representa um momento de partilhar conhecimento entre si. Elas dialogam sobre as melhores formas de capturar o peixe, conversam sobre assuntos da Comunidade, trabalho e curiosidades que tenham descoberto na escola. Estar em grupo colabora para a construção de conhecimentos e para a produção das suas culturas infantis no momento da pesca.

Os enunciados das crianças sobre a pesca artesanal, também são tecidos por uma polifonia, pois a pesca se mostra na voz do outro. No discurso a seguir, a voz da mãe de Wellington emerge atravessada em seu discurso ao dizer que não existe obrigatoriedade em exercer atividades referente a pesca. Bakhtin (2004) afirma que os discursos são forjados nas experiências do sujeito e o meio social, essa relação se constitui por meio da negação da criança em dizer que a atividade da pesca não é um trabalho de crianças.

Wellington: Eu venho pescar porque eu gosto, não sou obrigado. A mamãe disse que a gente não é obrigado a vim e também disse que a gente não é obrigado a fazer nada se a gente não quiser fazer.

Os discursos infantis mostram a pesca artesanal com sentido de prazer, alegria e divertimento, uma ação que une as crianças, não por ser uma obrigação, mas por permitir uma intensa e rica experiência e vivência com o ambiente e a natureza. É para elas um traçado cultural entre a prática social e a natureza, elas se reconhecem no seu contexto histórico e compreendem o lugar de pertencimento da Comunidade Tradicional.

Nas Comunidades Tradicionais costeiras a pesca é responsável por formar as práticas econômica, sociais e simbólicas dos pescadores e moradores, por esse motivo assume grande centralidade na dinâmica social dessas Comunidades (DIEGUES, 2004).

Na pesca artesanal se manifestam aspectos do trabalho, lazer, consumo, saberes culturais, o brincar, enquanto práticas em movimento, entre uma prática e outra. Conforme aponta Diegues (2004), Oliveira e Maneschy (2004), Nahum et al. (2017) em Comunidade Tradicional costeira existe um saber intercultural, que é socializado pela oralidade entre os moradores, que se relacionam entre conhecimento e saberes históricos pelo modo de sociabilidade do trabalho (SOUZA, 2014).

A pesca artesanal na ótica infantil, é resultado de um processo dinâmico entre as crianças e a natureza. É ainda permeado por distintas experiências, que incidem diretamente na construção das habilidades corporais e cognitiva de cada criança na apropriação dos saberes tradicionais pesqueiros e na construção de suas identidades.

3.2 CRIANÇAS E O TRABALHO

O trabalho é uma categoria fundante da vida humana pela Filosofia de Marx (2010). O trabalho é uma realização humana com a natureza a fim de produzir a sua subsistência. Sem o trabalho o homem/mulher não sobrevive no ambiente natural, eles precisam de trabalho e educação para modificarem o seu modo de vida, por isso ele/ela modifica e determina a sua relação com a natureza.

Por ser o trabalho uma atividade essencial ao ser humano “põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporeidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural em uma forma útil para sua própria vida” (MARX, 2010, p. 211). O trabalho na sua gênese ontológica é responsável por constituir a existência cultural, político, social, simbólica, estética e afetiva (FRIGOTTO, 2008).

O ser humano se constrói de modo pleno na relação entre trabalho e educação, pela necessidade de ensinar e de educar o outro. Pelo seu modo de vida, desenvolve as potencialidades das crianças pelo caráter formativo na ação humanizadora. Ao ensinar uma criança a atividade do trabalho deve relacionar na prática social, forma e conteúdo no contexto escolar (SOUZA, 2014). Assim, na Comunidade Tradicional da Pontinha do Bacuriteua da Amazônia bragantina, a pesca assume relevância na forma de organização social e um modo de vida singular. Para Oliveira e Maneschy (2014, p.123), no modo de vida costeiro “[...] não há separações radicais entre o trabalho e as demais esferas da vida social, como sociabilidade, religião, obrigações familiares e vicinais.”

O trabalho se entrelaça a dinâmica de vida da Comunidade e atinge os grupos geracionais. As crianças estabelecem uma íntima relação com o trabalho de seus familiares, elas observam atentamente a utilização dos instrumentos de pesca e aprendem sobre os saberes tradicionais necessários para a realização da pesca. A interação discursiva presente na relação entre as crianças e seus familiares sobre o trabalho na pesca é o elemento essencial para que as crianças produzam significados e sentidos em relação aos ofícios de seus familiares.

Desse modo, as crianças da Pontinha do Bacuriteua revelam saberes culturais acerca do ambiente natural do Rio, dos manguezais, dos peixes, do caranguejo, camarão e siri. Elas compreendem os ciclos naturais relacionados a maré, a lua e ao período do defeso que influenciam a existência do seu modo de vida. O cotidiano das crianças é tracejado pela inserção na pesca, no extrativismo, na vida familiar, no lazer, na escola e no brincar.

Figura 14 – Interação entre crianças e animais do manguezal



Fonte: Autores, 2018.

Cotidianamente as crianças estabelecem relações com o manguezal. Elas interagem com os animais, observam seu modo de vida, sabem quais animais podem ser consumidos e a forma como devem ser pescados. Os saberes são construídos a partir dessa intensa interação que se constitui no observar e no tocar. É dessa forma que os conhecimentos pesqueiros vão gradativamente sendo assimilados e ressignificados pelas crianças.

O reconhecimento do trabalho da pesca pelas crianças da Pontinha do Bacuriteua reflete em “[...] formas culturais de ação que transformam sua maneira de se expressar, pensar, agir e sentir” (OLIVEIRA, 2011, p. 130). As crianças passam a compreender a prática pesqueira e a valorizar como meio de subsistência para a Comunidade.

Luana: Meu pai é pescador, o trabalho dele é muito importante pra mim e pra toda a minha família. A pesca é a nossa vida porque é de lá que a gente tira nosso sustento.

Marcos: Pescar é importante pro meu avô, pra minha avó, pra todo mundo lá em casa, porque é do mar que a gente tira o peixe pra comer e vender.

Samuel: O trabalho do pescador é muito importante, sem ele ninguém come peixe, camarão, caranguejo, não come nada que tem aqui.

Adson: O trabalho do meu avô é importante, ele é pescador. Com o dinheiro que ele ganha dá pra comprar as coisas, roupa, comida, pra poder sustentar a nossa família.

O trabalho na concepção de Pistrak (2011) é uma atividade pedagógica, que deve proporcionar às crianças a auto-organização da vida social, a fim de criar a sua própria existência. Para as crianças da Amazônia bragantina o trabalho representa partilha de saberes e

aprendizados, tem um significado valoroso, pois estão em constantes desafios sobre aprenderem o modo de pescar.

Jameson: Eu aprendi a pescar com o meu tio, eu acompanhava na pesca, vendo tudo. Ele ia me dizendo, falando as coisas da pesca, até que um dia ele me deu a linha e eu joguei na maré, aí eu pesquei.

Samuel: Pescar é fácil, eu aprendi tudo com o meu pai, vendo ele fazer, ele ia falando tudinho como era pra fazer. Aí foi assim que eu aprendi a pegar caranguejo, siri, peixe e camarão.

Os discursos das crianças estão carregados de sentidos atribuídos a pesca artesanal como um trabalho extremamente necessário para a subsistência das famílias. As crianças são inseridas na atividade da pesca artesanal pelos pais, avós, tios e irmãos. “São atividades notadamente para o alimento da família e, para as crianças, etapa de socialização para a pesca”. A partir de uma faixa etária entre 11 (onze) e 15 (quinze) anos, os meninos vão aos locais mais distantes, geralmente acompanhando os pais, que são os principais responsáveis na iniciação dos ‘tiradores’ (OLIVEIRA; MANESCHY, 2004, p. 133). Culturalmente, os adultos ensinam as crianças o trabalho com a pesca artesanal. Segundo Diegues (2004, p. 232) são saberes construídos no cotidiano das famílias, “[...] transferidos de pais para filhos e guardados cuidadosamente pelos pescadores”.

A relação estabelecida entre o trabalho e a criança, constrói a ação humanizadora do trabalho como necessário a existência humana. A pesca enquanto um trabalho “[...] revela-se como um tempo-espço de ensino-aprendizagem por excelência, e por meio do qual as crianças, ao serem inseridas no exercício das atividades produtivas, vão se auto produzindo como seres sociais [...]” (CORREA; RODRIGUES; ARAUJO, 2018, p. 92).

Os discursos das crianças expressam em grande medida a valorização do trabalho na pesca realizada por seus familiares. Esse reconhecimento é construído em virtude da relação que as crianças constroem com a pesca, os animais, o manguezal e principalmente na interação dialógica com os seus pais, mães, tios, avós e irmãos. Apropriar-se desse contexto, garante que cada criança reconheça no trabalho do pescador/pescadora a sua própria formação cultural.

3.3 CRIANÇAS, ESCOLA E O TRABALHO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO

O trabalho como princípio educativo é criativo quando relaciona na prática social o conteúdo e a forma proporcionando a formação integral do sujeito. O princípio educativo para Gramsci (2011) se revela na articulação do conteúdo que diz respeito aos conhecimentos científicos escolares ligados aos aspectos cognitivo do sujeito e a forma relacionada às questões práticas, ou seja, ligado aos aspectos físicos.

É nesse momento de articulação entre o conteúdo e a forma que as crianças da Pontinha do Bacuriteua relacionam os conhecimentos escolares com os saberes tradicionais da pesca produzindo as suas dimensões intelectuais, culturais e sociais.

No discurso das crianças da Pontinha do Bacuriteua o trabalho como princípio educativo se revela na pesca artesanal quando as crianças relacionam as linguagens matemáticas, geográficas, históricas, física, naturais, escrita e de leitura. As crianças aproximam-se dos conhecimentos escolares na prática da pesca artesanal quando modificam a natureza, tocam, observam, medem, mensuram, contam, imaginam, criam e dialogam com outras crianças.

O trabalho torna-se educativo quando proporciona ao ser humano criar seus meios de vida a partir do acesso ao conhecimento teórico e prático permitindo a construção cultural e material do sujeito de forma consciente, promovendo a autonomia e a organização das crianças.

Figura 15 – Peixes organizado de forma crescente e agrupado por quantidade



Fonte: Autores, 2018.

As crianças da Pontinha do Bacuriteua durante a pescaria artesanal utilizam com grande ênfase da linguagem matemática, esse conhecimento torna-se necessário para que as crianças possam contar a quantidade de peixes pescados e medir os peixes maiores e menores.

Elas ainda organizam os peixes de forma crescente, assim como identificam os peixes mais pesados segurando-os de forma intermitentes nas mãos.

Figura 16 – Peixes pesados de forma manual



Fonte: Autores, 2018.

No processo de interação com os animais da região, as crianças constroem experiências que passam a fazer parte da sua realidade. Essa forma de interagir com o mundo pesqueiro permite que as crianças desenvolvam aspectos que relacionam o trabalho e a educação enquanto uma relação dialógica.

Os conhecimentos escolares são articulados aos saberes pesqueiros de forma espontânea pelas crianças, transformando o Rio Caeté e o manguezal em um legítimo espaço de formação pedagógica, lúdica e simbólica onde os saberes pesqueiros encontram-se com os conhecimentos escolares promovendo a formação prática e intelectual das crianças no, e pelo, trabalho educativo.

As crianças na articulação entre os conhecimentos escolares e saberes pesqueiros, enunciam que utilizam instrumentos como balança para realizarem a pesagem dos peixes após a pescaria. Revelam ainda que aprendem a conferir quando contam os peixes que capturam durante a pescaria. Como podemos perceber a seguir:

Wellington: Lá em casa tem uma balança, [...] eu levo o peixe e peso eles lá, pra ver qual é o mais pesado, mais gordo.

Adson: A gente aprende a conferir, quando confere os peixes que a gente pesca, quanto mais à gente pesca, mais tem.

A relação entre o conteúdo e a forma existentes nas práticas pesqueiras das crianças da Pontinha da Bacuriteua, permite que cada sujeito construa um sentido pedagógico entre a pesca e a escola. Essa prática se torna importante para unificar os saberes da pesca e as práticas pedagógicas do currículo escolar. O contexto pesqueiro torna-se um espaço/tempo importante para a aplicação dos conteúdos apreendidos na escola de modo contextualizado com a realidade social das crianças.

A pesca artesanal proporciona às crianças o contato com uma diversidade cultural e ambiental muito rica. Durante a prática da pesca artesanal as crianças em contato com os adultos aprendem oralmente a reconhecer instrumentos específicos, animais e plantas da região amazônica. Através desse aprendizado informal, as crianças internalizam elementos característicos do contexto pesqueiro e enunciam que conseguem utilizá-los em atividades escolares quando solicitados.

Luana: Quando o professor pergunta alguma coisa sobre a pesca, eu respondo.

Adrielle: Eu aprendo os tipos de peixes dá aqui, o nome deles, a escrever o nome deles.

João: Na escola eu escrevo o nome dos peixes, siri, bagre quando a professora pede pra gente.

A relação entre o contexto pesqueiro e os conhecimentos escolares se materializa na prática escolar das crianças através da realização de atividades que abordam elementos da realidade local. Essa é uma relação que revela que a pesca protagonizada pelas crianças não assume o caráter mecânico ou superficial, mais sim um processo de formação cultural e criação intelectual.

O trabalho como princípio educativo nos discursos das crianças assume aspectos criativos e formativos na relação entre a escola e a pesca, pois permite que as crianças compreendam os saberes pesqueiros na articulação com a escola, não como momentos específicos da pesca, mas como um processo formador das potencialidades da vida humana na mediação da natureza.

O trabalho como princípio educativo deve estar imbricado na formação educacional das crianças na relação entre o conteúdo e a forma. Desse modo, utilizamos os instrumentos de leituras (música Aquarela) e escrita (Caça-Palavra e Palavras Cruzadas) para identificarmos a relação entre o conteúdo e a forma na vida social das crianças da Pontinha da Bacuriteua.

Durante a aplicação do instrumento de leitura foi possível perceber que as crianças em sua maioria apresentam o domínio da leitura, por conseguirem de modo satisfatório realizar a interpretação do texto proposto na atividade.

Somente duas crianças tiveram dificuldades na realização da atividade de leitura, pois desconheciam a pronúncia e o significado das palavras: Istambul, Havaí, Pequim, Turquia, Descolorirá e Astronave. O desconhecimento das palavras despertou nas crianças a curiosidade de seu significado, desse modo perguntavam aos pesquisadores: De onde são essas palavras? O que elas significavam?

As perguntas referentes às palavras desconhecidas evidenciam que as crianças são sujeitos ativos, sentem-se provocadas a descobrir elementos que não fazem parte do seu contexto social. O papel da escola nesse sentido é o de ampliar esses conhecimentos partindo do conhecimento local para o global, de modo que dê às crianças a possibilidade de acesso ao conhecimento sobre novas culturas, sem desconsiderar e valorizar os saberes locais dos sujeitos.

Na segunda etapa da atividade de leitura em que foi realizada a construção de frases usando palavras do texto, observamos que as frases escritas pelas crianças apresentam com grande predominância relação com o contexto pesqueiro, assim as palavras mais utilizadas pelas as crianças foram: sol, mar, chuva, folha, azul e barco.

Luana (Frase): O pinguinho de chuva é muito importante porque ele é bom e serve para nossas plantas.

Cauã (Frase): Eu pinto uma folha de amarelo como amarelo o sol.

Jameson (Frase): O sol serve para seca a roupa que a mamãe lava.

Adrielle (Frase): O céu e o mar é azul.

As frases construídas pelas crianças revelam os sentidos e significados que cada criança estabelece com o contexto pesqueiro. Essa relação reflete a dinâmica de vida que cada criança possui na Comunidade, a interação com a natureza e com a família. Revelam ainda o sentido de pertencimento ao lugar.

A realização da atividade proposta revelou que as crianças conseguem articular dois contextos de aprendizagem destinos, a escola e a pesca. Ainda que apresentem pequenos desvios ortográficos na construção das frases, as crianças realizaram as atividades com muita alegria e determinação, pois reconhecem que saber ler e escrever é muito importante para o seu futuro.

A atividade de Caça-Palavras e de Palavras-Cruzadas despertou nas crianças muita alegria, pois as palavras eram facilmente identificadas por elas devido fazerem parte de seu convívio diário.

O Caça-Palavra foi construído com a proposta de utilizar as palavras do contexto pesqueiro enunciada pelas próprias crianças, como por exemplo: peixes, crustáceos, instrumentos de pesca, pacamum, uricica, bragalhão, camarão, siri, sardinha, linha, landruá, anzol e musuá. Já as Palavras-Cruzadas atenderam a proposta de utilizarmos palavras ligadas às profissões que as crianças desejavam realizar no futuro, como: professor, médico, engenheiro, bombeiro, cantor, policial, pescador, arquiteto, motorista e empresário.

Por meio da realização das atividades de Caça-Palavras e de Palavras Cruzadas, observamos que somente duas crianças não conseguiram realizar a atividade por completo. Entretanto a maioria das crianças realizou a atividade com êxito, revelando que a articulação entre contexto pesqueiro e conhecimentos escolares possibilita uma aprendizagem significativa às crianças. Desse modo, as atividades propostas revelam a existência do trabalho como princípio educativo nas produções das crianças.

A construção dos conhecimentos escolares se articula aos saberes pesqueiros em uma relação concreta entre as crianças e o trabalho revelando-se “[...] como atividade de formação humana, capaz de estimular o conhecimento necessário ao desenvolvimento pleno das dimensões intelectuais, sociais e culturais das crianças [...]” (SOUZA, 2014, p. 45).

Nos discursos das crianças da Pontinha do Bacuriteua a escola emerge como lugar de aprendizagem muito querido entre elas. É ainda reconhecida com grande importância para a formação intelectual e social das crianças.

Marcos: Eu gosto da escola. Lá eu gosto de brincar, de escrever, de pintar e de estudar.

Adrielle: Eu gosto de ler, de ir pra escola, de estudar.

Wellington: O estudo é importante saber ler e escrever.

A escola ainda se apresenta enquanto um lugar de aprender a ler e a escrever, e a possibilidade de mudança de vida por meio da formação profissional.

João: Eu gosto da escola, eu amo ir pra escola. Pra aprender a ler a escrever, contar, essas coisas que a gente aprende na escola.

Luana: Eu gosto de ir pra escola pra estudar, aprender a ler, escrever. Pra aprender mais, pra poder trabalhar quando crescer, pra poder fazer uma faculdade.

O acesso à escola, a leitura e a escrita como um direito constitucional assume nos discursos das crianças grande centralidade na formação social. O papel da escola consiste em ampliar os conhecimentos pesqueiros locais que as crianças já trazem do seu contexto local, contribuindo com o desenvolvimento intelectual, social e cultural de cada uma delas.

A escola é por meio dos discursos das crianças da Pontinha do Bacuriteua o lugar que permite novas possibilidades de atuação profissional e mudança de vida. Constata-se que a relação que as crianças estabelecem com o contexto pesqueiro não é um fator condicionante que os obriga a se tornarem somente pescadores, porém contribui por meio do acesso à educação para as possibilidades de almejam outras profissões que julgam ser ideais para sua vida.

Adson: Eu quero ser professor por causa do meu professor. Lá em casa eu tenho um quadro de giz, aí eu escrevo nele e ensino os meus primos no quadro.

Luana: Quero ser professora ou médica de vacina criança.

Wellington: Quando eu crescer quero ser Militar da Marinha.

A escola deve firmar seu compromisso na formação social, construindo um conhecimento científico que tenha em vista sua aplicação no trabalho, promovendo a “[...] capacidade de trabalhar manualmente (tecnicamente e industrialmente) e o desenvolvimento das capacidades de trabalho intelectual” (GRAMSCI, 2011, p. 33).

A escola nessa perspectiva deve ser capaz de formar a criança e o jovem para pensar, estudar e dirigir sua própria vida pessoal e profissional, por isso, o conhecimento está imbricado no trabalho, em uma relação inseparável “[...] que se insere no ensino por meio dos conteúdos (as ciências) e dos métodos (que articulam teoria e prática)” (SOUZA, 2014, p. 45).

O trabalho como princípio educativo presente nos discursos e nas práticas pesqueiras das crianças, relacionam saberes pesqueiros com o currículo escolar, sendo a criança o sujeito responsável por interligar um contexto ao outro. Assim, a escola e a pesca são aproximadas pelas vivências de cada criança, por meio dos brincar, desejos e sonhos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS



“A condurua é diferente do caranguejo, ela tem a carapaça de baixo mais larga, é assim que dá pra saber qual é macho e qual é a fêmea. Meu pai me disse que tem que ver debaixo da carapaça deles, por lá dá pra saber. Se for mais larga é fêmea, se for mais estreito é macho. A gente não pega quando é fêmea não, pra não acabar com os caranguejos daqui”.

(SAMUEL, 11 Anos).

O presente estudo analisou os sentidos e significados presentes nos discursos de crianças residentes na Comunidade Tradicional da Pontinha do Bacuriteua no entorno de manguezais da Amazônia Bragantina, sobre a pesca artesanal, trabalho e escola.

A pesquisa revela a partir dos discursos das crianças dessa localidade um intenso processo de interação geracional e apropriação dos saberes pesqueiros. Existe nesse contexto uma relação indissociável entre as crianças, a pesca artesanal, o trabalho e a escola. Nessa interação socioambiental, as crianças constroem culturas, saberes, ações e representações acerca desse lugar.

A pesca artesanal sob o olhar e o discurso das crianças ganha novos sentidos e significados, assume a condição de divertimento, do brincar, da alegria e do prazer. É o espaço/tempo de formação social, de criação e recriação entre os pares. É o lugar de produção cultural infantil, onde o contato com o Rio Caeté e o manguezal promovem ricas experiências culturais e educativas.

A singularidade das crianças concernente à pesca artesanal permite perceber que o caráter formativo da pesca artesanal está na relação entre saberes pesqueiros e conhecimentos escolares, afirmando a presença do trabalho educativo como formador da vida social. A pesca artesanal protagonizada pelas crianças revelou-se como uma atividade permeada de esquemas educativos, culturais, saberes tradicionais e conhecimentos escolares.

As ações de correr, pular, pegar, arremessar, mergulhar e subir em árvores contribui significativamente para o processo de aprendizagem social das crianças, além de ser um importante movimento de troca entre as elas e o meio natural.

A pesquisa ainda revelou o sentido que as crianças atribuem ao trabalho. Nos discursos das crianças o trabalho assume a condição de criação material, pois as crianças reconhecem o valor do trabalho realizado por seus familiares no contexto pesqueiro. Esse reconhecimento e admiração revela a condição ontológica do trabalho como uma ação humanizadora.

As crianças reconhecem o trabalho na pesca como essencial para a subsistência das famílias e o pescador como uma profissão de extrema relevância para a Comunidade. Entretanto, as crianças enunciam o desejo de possuírem outras profissões, sem desconsiderar a relevância do trabalho na pesca realizada por seus familiares.

A escola ganha o sentido de transformadora social nos discursos das crianças, por meio do acesso as possibilidades de ter outras profissões enquanto possibilidades de mudança social e o desejo de ampliarem seus conhecimentos.

Os discursos das crianças sobre a pesca artesanal, trabalho e escola, reafirma a necessidade de reconhecermos esse espaço tradicional pesqueiro como lugar de formação, propício para a construção de uma prática pedagógica que articule os saberes pesqueiros aos conteúdos escolares, sendo um movimento necessário quanto a valorização da cultura e conhecimentos tradicionais dessas Comunidades.

As percepções construídas mediante o desenvolvimento do presente estudo permitiram compreender que as crianças da Pontinha do Bacurituba são por excelência atores sociais, sujeitos que na interação com o mundo pesqueiro são capazes de produzir as suas próprias culturas.

O estudo com, e sobre, essas crianças permitiu-nos dialogar com sujeitos de um contexto singular, e principalmente oportunizou conhecermos a dinâmica de vida das crianças que tem o Rio Caeté e o manguezal como espaço de subsistência.

As reflexões levantadas por esses estudos podem contribuir com a prática pedagógica e um currículo escolar voltado para as especificidades das escolas costeiras da Amazônia bragantina, um currículo que contemple o lugar das crianças, a infância pesqueira e suas culturas infantis e reconheça a importância do Trabalho como um princípio educativo na formação humana da criança.

Concluimos, que valorizar as infâncias pesqueiras na construção de uma proposta curricular local, é reconhecê-las como sujeitos sociais. É compreender que seus saberes tradicionais podem colaborar com seu processo formativo. É permitir que cada elemento de sua vida diária possa contribuir com a sua formação cultural, social e humana. Valorizar as culturas infantis é garantir o direito de ser Criança.

REFERÊNCIAS

- ABDALA, G; SARAIVA, N; WESLEY, F. **Plano de Manejo da Reserva Extrativista Caeté-Taperaçu**. V. I - Diagnóstico da Unidade de Conservação. Brasília: ICMBio. 109 p. 2012.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13ª edição. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoievski**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.
- BRASIL, Constituição da República Federal do Brasil, 05 de outubro de 1988. Imprensa Oficial, Brasília, DF, 1988.
- BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Diário Oficial, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. Diretoria de Currículo e Educação Integral. Brasília, 2013.
- BRASIL, Lei Federal nº 8.069, que rege o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, criado em 13 de julho de 1990 Brasília, DF, 1990.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 2d. Petrópolis, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2008.
- CORREA, R. N. G; RODRIGUES, D. do S; ARAUJO, R. M. de L. Práxis produtiva, metamorfoses no mundo do trabalho e processo de constituição de identidade entre trabalhadores na Amazônia paraense. **Trabalho Necessário**. V. 16, nº 31-2018. ISSN: 1808-799x. P. 85-111.
- CORREIA, J. do S. L. **A criança e o Mar: saberes e infâncias em ambientes costeiros na Amazônia**. Curitiba: Appris Editora, 2018.
- DEL PRIORE, M. **História das crianças no Brasil**. (Org). 7. ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.
- DIEGUES, A. C. **A pesca construindo sociedade: sociedades leituras em Antropologia Marítima e Pesqueira**. São Paulo: Nupaub-USP, 2004.
- FRIGOTTO, G. Educação e trabalho: bases para debater a educação profissional emancipadora. **PERSPECTIVA**. Florianópolis, v.19, n.1, p.71-87, jan./jun. 2001.
- FRIGOTTO, G. **Trabalho**. Dicionário da FIOCRUZ. São Paulo, 2009.
- FRIGOTTO, G. **Trabalho**. In. Dicionário Educação Profissional Saúde. Organizadores: Isabel Brasil Pereira; Júlio César França Lima. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, EPSJV, 2008.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília-DF: Líber livro, 2005.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Cadernos do cárcere**. Volume 2; edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; coedição, Luiz Sérgio Henriques e marco Aurélio Nogueira. 4ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011.

MAKARENKO, A. S. **Conferências sobre Educação Infantil**. Apresentação de Wagner Gonçalves Rossi — Tradução de Maria Aparecida Abelaira Vizotto. Editora Moraes, São Paulo, 1981.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política: livro I**. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 27ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

NAHUM, V. J. I. J. D.V. NEVES; OLIVEIRA, F. P de; VIEIRA, N. C. Percepção dos extrativistas estuarino-costeiros sobre as práticas e os impactos socioambientais nos manguezais do nordeste paraense, costa amazônica brasileira. **Revista EducAmazônia - Educação Sociedade e Meio Ambiente**, Humaitá, LAPESAM/GISREA/UFAM/CNPq/EDUA – ISSN 1983-3423 – IMPRESSA – ISSN 2318 – 8766 – CDROOM – ISSN 2358-1468 - DIGITAL ON LINE, Ano 9, Vol IX, Número 2, Jul-Dez, 2017, Pág. 73-104.

OLIVEIRA, M. do V; MANESCHY, M. C. A. Territórios e territorialidades no extrativismo de caranguejos em Pontinha de Bacuriteua, Bragança, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 9, n. 1, p. 129-143, jan.-abr. 2014.

OLIVERIA, Z. de M. R. de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PISTRAK, M. M. **Fundamentos da escola do trabalho**. Tradução de Daniel Aarão Reis Filho -3. ed. - São Paulo: Expressão Popular, 2011.

SAVIANI, D. Trabalho e Educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12 n. 34 jan./abr. 2007.

SOUZA, A. P. V. e. **As Culturas Infantis no Espaço e Tempo do Recreio: Constituindo Singularidade Sobre a Criança**. 2009. 166 f. Dissertação de Mestrado em Educação - Universidade Federal do Pará, Ciências da Educação, Belém, 2009.

SOUZA, A. P. V. **Trabalho Infantil: Uma análise do discurso de crianças e de adolescentes da Amazônia paraense em condição de trabalho**. 2014. 195 f. Tese de Doutorado em Educação- Universidade Federal do Pará, Ciências da Educação, Belém, 2014.

SOUZA, A. P. V; OLIVEIRA, F. P. de; ALVES, A. N. S. Discurso De Crianças Em Situação De Vulnerabilidade Social Entre Escola, Lixão E Trabalho Infantil. **Nova Revista Amazônica**. ISSN: 2318-1346, v. 6, n. 3. p. 53- 66, Setembro de 2018.

SOUZA, A. P. V. Experiências de exploração do cotidiano. In. PINHO, M. S; OLIVEIRA, M. R. F. de; GALVÃO, R. M. S. (Org.) **Brincar, criar e inovar: refletindo o currículo e as práticas educativas na educação infantil**. São Paulo, Pedro & João Editora, 2018.

TIBALLI, E. F. A; JORGE, L. E. A etnofotografia como meio de conhecimento no campo da educação. **Revista Habitus**, Goiânia, v. 5, n.1, p. 63-76, jan./jun. 2007.

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – PIBIC/PRODOUTOR
FACULDADE DE EDUCAÇÃO- FACED
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO

Projeto de Pesquisa: INFÂNCIAS NO CONTEXTO DE COMUNIDADE PESQUEIRA E O TRABALHO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO

Coordenador/Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Paula Vieira e Souza

Pesquisador: Marcos Vinicius Sousa de Oliveira

1 Natureza da Pesquisa: A presente pesquisa tem por objetivo reconhecer o universo de produção dos saberes culturais de crianças em situação de pesca, na Comunidade do Bacuriteua. Nesse sentido, solicitamos a participação de seu Filho (a) para fazer parte desta pesquisa. Para a realização deste estudo é necessário coletar dados com as crianças, portanto, desenvolveremos atividades lúdicas para coletarmos informações a respeito, da pesca e trabalho. Como a pesquisa focaliza o discurso de crianças, se faz necessário à autorização dos pais e/ou responsável legal, para que tenhamos o bom êxito da pesquisa.

2 Participantes da Pesquisa: Participarão da pesquisa crianças com idades entre 04 a 12 anos de idade, regularmente matriculadas em escolas do Comunidade do Bacuriteua.

3 Envolvimento na Pesquisa: Ao autorizar a participação do seu filho (a) neste estudo, você está permitindo que ele (a) participe das atividades lúdicas que serão desenvolvidas tais como: **Roda de Conversa, Painel do Trabalho e Atividade de Leitura e Escrita** e autoriza que ele (a) participe das conversas dialogadas com os pesquisadores. Todas as atividades serão registradas, por meio de fotografias das crianças e registro em diário de campo, para a criação de artigos científicos acerca de práticas que configurem o do trabalho como princípio educativas na Comunidade.

Você tem a liberdade de recusar a participação de seu (a) filho (a) neste estudo, e a recusa não causa qualquer prejuízo para si e para seu (a) filho (a). Sempre que quiser você poderá pedir mais informações sobre a pesquisa. Poderá entrar em contato com os pesquisadores ou com a coordenadora do projeto nos telefones: **(91) 98229-9090 (Marcos Oliveira/UFPA) ou (91) 98145-1011 (Profa. Dra. Ana Paula/UFPA).**

4 Sobre as conversas dialogadas (informais): Serão realizadas na Comunidade em espaços diversos que as crianças frequentam e serão combinadas entre as crianças e os pesquisadores. A participação será em grupo, para que se sintam à vontade para falar a respeito dos temas relacionados a pesca e ao trabalho.

5 Riscos e Desconforto: A participação nesta pesquisa não traz complicações, talvez, apenas, um pequeno sentimento de timidez que algumas crianças possam sentir diante de algumas questões apresentadas. A participação também não traz riscos aos participantes, pois, as crianças estarão no momento de interação somente com os pesquisadores para a coleta das informações.

6 Confidencialidade: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais e anônimas, por este motivo as crianças não serão identificadas com o seu nome, em nenhuma parte do trabalho escrito, pois serão resguardadas informações do tipo: nome, e filiação. Somente será informado o **nome fictício** de cada criança na tabulação dos dados, a idade e o gênero, exceto para a produção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Esclarecemos ainda que estas informações sejam veiculadas apenas no meio científico. **Mas, esclareço que serão usadas no texto as imagens das crianças interagindo no momento das conversas dialogadas, atividades de painel do trabalho e na hora da atividade de pesca.**

7 Benefícios: Ao participar desta pesquisa você não deverá ter nenhum benefício direto, compensações pessoais ou financeiras relacionadas à autorização concedida. Entretanto, esperamos que este estudo revele informações importantes a respeito das formas como as crianças pensam e compreendem a sua atividade de pesca, as quais poderão **subsidiar reflexões dos profissionais que trabalham na Educação, bem como a preposição de um Currículo que contemple o lugar das Culturas Infantis e a importância do Trabalho como um princípio educativo nas escolas costeiras.** Além do mais, valorizar a criança enquanto sujeito ativo e produtor de culturas.

8 Pagamento: A criança **não terá nenhum tipo de despesa** por participar desta pesquisa. **E nada será pago** por sua participação.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu interesse em autorizar o meu filho (a) participar da pesquisa.

 Marcos Vinicius Sousa de Oliveira

TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO

Declaro que li as informações acima sobre a pesquisa, que me sinto perfeitamente esclarecido sobre o conteúdo da mesma, assim como seus riscos e benefícios. Declaro ainda que, por minha livre vontade, autorizo a criança a qual sou responsável a participar da pesquisa cooperando com a coleta dos dados para posteriores análises.

 Assinatura do Responsável

 Local e Data

 Assinatura do Pesquisador

 Local e Data

APÊNDICE B – Caça Palavras



Caça Palavras



Encontre no Caça Palavra os nomes dos peixes, e utensílios de pesca.

(Pacamum - Sardinha - Bragalhão - Uricica - Camarão - Siri - Barco - Linha - Landruá - Anzol - Musuá)

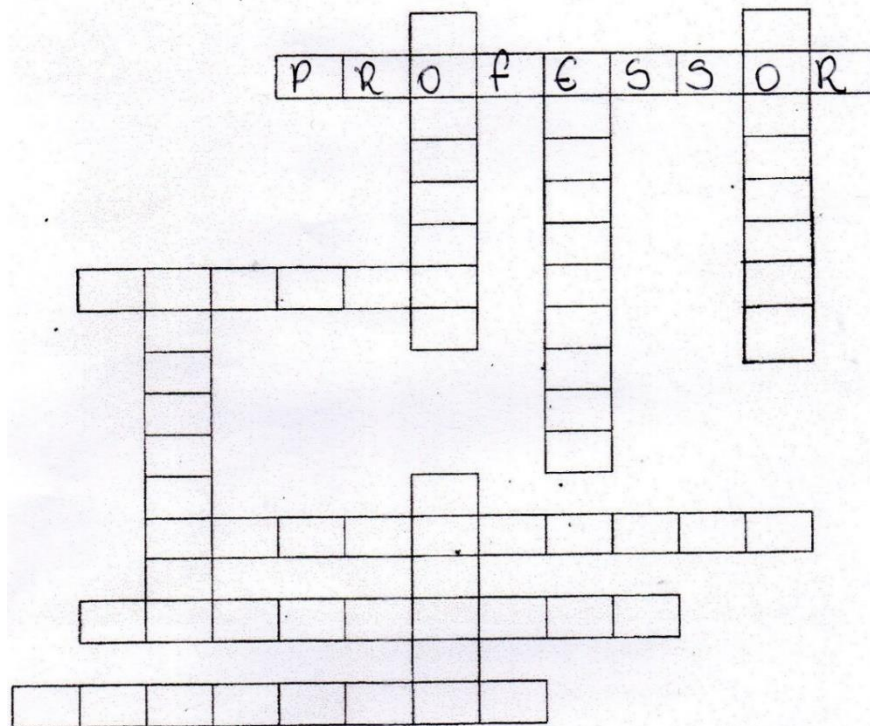
| | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| P | A | C | A | M | U | M | A | P | G |
| S | U | T | N | A | P | H | Z | K | L |
| Z | B | A | Z | O | N | I | C | L | U |
| C | V | B | O | I | Ç | X | V | B | N |
| L | P | O | L | A | N | D | R | U | Á |
| X | M | U | S | U | Á | W | A | L | P |
| C | B | R | A | G | A | L | H | Ã | O |
| B | N | I | I | V | F | D | A | N | L |
| B | L | C | A | M | A | R | Ã | O | S |
| N | M | I | L | B | A | R | C | O | I |
| I | W | C | Q | J | K | Z | A | I | R |
| P | S | A | R | D | I | N | H | A | I |

Nome: _____

APÊNDICE C – Palavras Cruzadas

Palavras Cruzadas

Encontre nas Palavra Cruzadas os nomes das profissões



(Professor - Médico - Engenheiro -

Bombeiro - Cantor - Policial - Pescador- Arquiteto- Motorista

Empresário)

Nome: _____